

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL –
CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PAMELA CASANOVA KIMMEMGS

**O neopentecostalismo em Campos dos Goytacazes: uma análise da atuação da Igreja
Universal do Reino de Deus como agente modelador do espaço urbano**

CAMPOS DOS GOYTACAZES –

RJ

2021

PAMELA CASANOVA KIMMEMGS

O neopentecostalismo em Campos dos Goytacazes: uma análise da atuação da Igreja Universal do Reino de Deus como agente modelador do espaço urbano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Cristina Da Silva

Campos dos Goytacazes – RJ

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

K49n Kimmemgs, Pamela Casanova
O neopentecostalismo em Campos dos Goytacazes : uma análise da atuação da Igreja Universal do Reino de Deus como agente modelador do espaço urbano / Pamela Casanova Kimmemgs ; Silvana Cristina da Silva, orientadora. Campos dos Goytacazes, 2021.
80 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)- Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2021.

1. Espaço Urbano. 2. Meio técnico-científico-informacional. 3. Neopentecostalismo. 4. Neoliberalismo. 5. Produção intelectual. I. Silva, Silvana Cristina da, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional. III. Título.

CDD -

PAMELA CASANOVA KIMMEMGS

**O NEOPENTECOSTALISMO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES: UMA ANÁLISE DA
ATUAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS COMO AGENTE
MODELADOR DO ESPAÇO URBANO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Instituto de Desenvolvimento de Ciências da Sociedade da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, defendido e aprovado em _____, pela banca examinadora constituída pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. SILVANA CRISTINA DA SILVA

Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. TATIANA TRAMONTANI RAMOS

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. MILEI FACHINI VICENTE PEREIRA

Universidade Federal de Uberlândia

Dedico à todas as mulheres que, de alguma forma, tiveram suas vidas ceifadas apenas por serem mulheres. Em especial, à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento, gostaria de agradecer imensamente à minha família que, desde o início, apoiaram meu sonho e fizeram possível a realização deste. Em especial, minha querida avó Alba Carvalho Kimmemgs – a minha eterna incentivadora de sonhos. Gostaria de agradecer a por se fazer tão presente em minha vida, pelas inúmeras horas no telefone buscando, de alguma forma, suprir a distância e a saudade. À essa avó que me criou e dedicou tanto tempo de sua vida para constituir a minha, eu dedico todo o meu mais singelo amor. Em segundo, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu querido pai Pablo Carvalho Kimmemgs que, com seu esforço e dedicação, me propôs toda a estrutura e apoio. Agradeço pela sua presença em minha vida, por me incentivar em tudo e por buscar sempre me ver feliz e realizada. Nada disso seria possível sem o seu amor, proteção e cuidados. Sair de casa para estudar não foi uma tarefa fácil, mas, com o apoio e amor de vocês, o caminho se tornou muito mais leve. Hoje posso dizer que sou a primeira pessoa da minha família que teve acesso à universidade pública. Então, para além do reconhecimento acadêmico, é também uma grande conquista pessoal, onde pude realizar não somente o meu sonho, mas de muitos e muitas que me antecederam. Muito obrigada, família. Foi e sempre será por nós!

Agradeço imensamente aos professores que tive o privilégio de ter, que me proporcionou reflexões, debates, aprofundamento do conhecimento e amadurecimento. A universidade no interior possui uma dinâmica diferente e o Departamento de Geografia da UFF Campos se constitui como uma família. Em especial à minha querida orientadora Silva Cristina da Silva pela sua enorme paciência, didática, cuidado e carinho. Se hoje eu alcancei um certo grau de amadurecimento, tanto acadêmico quanto pessoal, foi, também, resultado de sua orientação. Muito Obrigada! Além do mais, gostaria de agradecer ao Grupo de pesquisa Território e Cidades e aos meus queridos amigos que fazem parte da família TeCidades.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento de Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de Iniciação Científica concedida no período de setembro de 2020 a agosto de 2021. O que me permitiu maior dedicação à pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer ao meu companheiro de vida, Alexandre Martins, que, ao longo desses últimos 4 anos esteve comigo. Obrigada, meu amor, por ter enxugado minhas lágrimas inúmeras vezes e por não permitir que eu desistisse da caminhada que muitas vezes se mostrou árdua. Agradeço por se mostrar ao meu lado e vibrar pelas minhas conquistas, por menor que fossem, você sempre as celebrou. Obrigada por sonhar junto comigo com respeito, amor e companheirismo, você foi e é essencial.

Ao longo desses anos fui agraciada com pessoas muito especiais, de diversos lugares, de personalidades distintas e corações enormes. Sou grata por cada um e uma que pude cruzar nessa caminhada, em especial às minhas grandes amigas que Campos dos Goytacazes me presenteou: Letícia Almeida e Rafaella Jaeger. Sem essa amizade repleta de afetos tudo seria muito mais difícil. Não poderia deixar de agradecer aos outros amigos igualmente especiais: Lara, Caio, Emmanuel, João, Vinícius e tantos outros que estiveram ao meu lado.

Gostaria de agradecer à banca examinadora pelo aceite do convite. São docentes como vocês, que produzem ciência de forma séria e responsável, que inspiram diversos estudantes que acreditam na mudança através da ciência e educação. É uma responsabilidade imensa tê-los como avaliadores, mas é, igualmente, realizador. MUITÍSSIMO obrigada!

À Campos dos Goytacazes e à Universidade Federal Fluminense, muito obrigada! A universidade pública resiste ano após ano, mas a universidade pública no interior resiste dia após dia. Estarmos aqui é um ato de resistência e coragem, em prol de um mundo menos desigual e injusto. Que sigamos fazendo ciência de verdade!

“Os ventos do norte não movem moinhos [...] Meu sangue latino, minh'alma cativa”

(João Ricardo/Paulo Mendonça)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) como agente modelador do espaço urbano em Campos dos Goytacazes, a partir da investigação das normatizações que regulam o funcionamento das igrejas durante a Pandemia da Covid-19, decretada em março de 2020. Nesse sentido, foram analisadas as estratégias de instalação das igrejas na cidade e os projetos de leis aprovados pela Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes que regulamentaram as fases e fechamentos das atividades durante a pandemia, entre elas, as atividades religiosas. Como base teórica o estudo amparou-se pelo par conceitual dialético de psicoesfera e tecnoesfera (SANTOS, 2006). A metodologia utilizada consistiu-se em levantamento bibliográfico, catalogação de dados secundários obtidos por meio das bases censitárias do IBGE e site oficial da IURD. Conjuntamente, foram levantadas e sistematizadas publicações do Diário Oficial Municipal de Campos dos Goytacazes no período compreendido entre março de 2020 a maio de 2021. De forma geral, os resultados apresentados apontam as estratégias de expansão adotadas pela IURD no espaço urbano, além de sua forte consolidação em bairros periféricos, e sua efetiva atuação em normatizações que regulam o espaço urbano. Conclui-se que a IURD age no modelamento do espaço urbano de Campos dos Goytacazes por meio de estratégias locacionais, tanto para dar visibilidade às suas ações, quanto para estar próxima do público na periferia da cidade. Por fim, constata-se que a IURD atuou ativamente no sistema normativo municipal durante a Pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Neopentecostalismo; Psicoesfera, Tecnoesfera; Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the performance of the Universal Church of the Kingdom of God (IURD) as a shaping agent of urban space in Campos dos Goytacazes, based on the investigation of the norms that regulate the functioning of churches during the Covid-19 Pandemic, decreed in March 2020. In this regard, the strategies for installing churches in the city and the bills approved by the Campos dos Goytacazes City Council that regulated the phases and closures of activities during the pandemic were analyzed, and among them, religious activities. As a theoretical basis, the study was supported by the dialectical conceptual pair of psychosphere and technosphere (SANTOS, 2006). The methodology used consisted of a bibliographic survey, cataloging of secondary data obtained through the IBGE census databases and the official website of the IURD. Together, publications from the Official Municipal Journal of Campos dos Goytacazes were collected and systematized in the period between March 2020 and May 2021. In general, the results presented point to the expansion strategies adopted by the IURD in the urban space, in addition to its strong consolidation in peripheral neighborhoods, and its effective performance in norms that regulate the urban space. It is concluded that the IURD acts in the modeling of the urban space of Campos dos Goytacazes through locational strategies, both to give visibility to its actions and to be close to the public on the outskirts of the city. Finally, it appears that the IURD actively acted in the municipal regulatory system during the Covid-19 Pandemic.

Keywords: Urban Space; Neopentecostalism; Psychosphere, Technosphere; Campos dos Goytacazes.

LISTA DE SIGLAS

ADHONEP – Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno

AEC – Associação Evangélica de Campos

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CCHN – Comitê Cristão de Homens de Negócio

CIDAC – Centro de Informações e Dados de Campos dos Goytacazes

FMI – Fundo Monetário Internacional

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

OMC – Organização Mundial do Comércio

OMS – Organização Mundial da Saúde

PDUC – Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma da estrutura organizacional iurdiana	41
Figura 2 – Organograma da hierarquia Espacial	43
Figura 3 – Mapa 1: Presença da Igreja Universal do Reino de Deus em Campos dos Goytacazes - 2021.....	47
Figura 4 – Mapa 2: Campos dos Goytacazes: presença da Igreja Universal do Reino de Deus e renda média domiciliar na área urbana principal – 2021.....	49
Figura 5 – Catedral Universal do Reino de Deus em Campos dos Goytacazes, antigo Teatro-Cinema Orion	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características de setores censitários de ocupações subnormais em Campos dos Goytacazes.....	27
Tabela 2 – Confessionalidade brasileira, estado do Rio de Janeiro e do município de Campos	34
Tabela 3 – Confessionalidade brasileira	37
Tabela 5 – Frente Parlamentar Evangélica no Congresso e no Senado Brasileiro nas legislaturas de 2014 e 2018.....	59
Tabela 6 – Relação de votos do Projeto de Lei 0003/21	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bairros em Guarus com a presença da IURD.....	50
Quadro 2 - Bairros da margem direita do distrito sede com a presença da IURD.....	51
Quadro 3 – Campos dos Goytacazes: Legislatura municipal 2017/2020	60
Quadro 4 – Campos dos Goytacazes: Legislatura municipal 2021/2024.....	61
Quadro 5 – Publicações no Diário Oficial de regulações referentes às igrejas no período da COVID-19	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. O ESPAÇO URBANO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES E A CHEGADA DOS PROTESTANTES	24
3. O MOVIMENTO PENTECOSTAL E O ADVENTO DO NEOPENTECOSTALISMO	30
4. TECNOESFERA E PSICOESFERA: A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E A PANDEMIA DA COVID-19.....	39
4.1. A ORIGEM DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.....	39
4.2. ORGANIZAÇÃO IURDIANA	40
4.3. EXPANSÃO IURDIANA	42
5. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E A PSICOESFERA NEOLIBERAL.....	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	77

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado “O neopentecostalismo em Campos dos Goytacazes: uma análise da atuação da Igreja Universal do Reino de Deus como agente modelador do espaço urbano”, surgiu através de questionamentos sobre o número crescente de igrejas evangélicas no espaço urbano e sua relação na dinâmica deste espaço. A Geografia Urbana das cidades passa por um processo de mudanças como aumento do número de condomínios, crescimento dos *shoppings*, expansão das moradias populares, em especial, em razão do Projeto dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003/2010) e Dilma Rousseff (2011/2016), ambos do Partido dos Trabalhadores (PT), com o Minha Casa, Minha Vida (MCMV) e em Campos com o Projeto Morar Feliz dos governos de Rosa Matheus Garotinho (2009-2016), atualmente Partido Republicano da Ordem Social (PROS), que alteraram significativamente a dinâmica urbana. Entre as mudanças das cidades brasileiras, uma delas tem chamada atenção: o expressivo aumento de igrejas presentes no espaço urbano, visto que há uma significativa expansão do número de evangélicos no território brasileiro. Nesse sentido, questiona-se como as igrejas neopentecostais, enquanto agentes modeladores do espaço urbano, alteram esse espaço urbano, assim como a psicosfera da cidade e as relações de poder? A partir desse questionamento, a pesquisa analisou a atuação de igrejas neopentecostais, em especial a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), no espaço urbano do município de Campos dos Goytacazes, isto é, como o neopentecostalismo modela o espaço urbano tanto em sua materialidade quanto no modo de agir através da racionalidade neoliberal.

Campos dos Goytacazes é um município do estado do Rio de Janeiro, localizado na região Norte Fluminense¹ e, em termos de extensão territorial, é o maior município do estado. Sua população é estimada, em cerca de 500 mil habitantes (IBGE, 2021). Há, no espaço urbano do município, a dualidade entre centro e periferia, sendo as áreas centrais são marcadas pelo adensamento técnico, em especial, dos equipamentos de uso coletivo, enquanto as áreas periféricas são fortemente marcadas pelo processo de favelização, com a carência e até mesmo a ausência de serviços e infraestruturas de uso coletivo, além da ausência do poder público em muitas dessas áreas (FARIA, 2015). A fragmentação das áreas urbanas do município é resultado do processo histórico vivenciado não só por Campos, mas por todo o território brasileiro, principalmente a partir do processo de industrialização.

Segundo Corrêa (1989), a área central do espaço urbano consiste área principal não só para cidade, mas também para outras áreas distantes da área central, como a área central do

¹ O Norte Fluminense é uma região administrativa do Estado do Rio de Janeiro composta por nove municípios, sendo eles: Campos dos Goytacazes, Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, São João da Barra, São Francisco do Itabapoana e São Fidélis.

município de Campos dos Goytacazes, visto que as principais atividades comerciais, de serviços, a administração pública e privada, sendo área de decisões, além das redes de transportes inter-regionais e intraurbanos concentram-se nesta área, o que faz com que grande parte da população de municípios vizinhos se desloquem para ter acesso às atividades e serviços. Além disso, o preço da terra e dos imóveis se mostram mais altos devido, principalmente, às vantagens locacionais da área central, sendo esta “um produto da ação dos proprietários dos meios de produção, ainda que o Estado fosse chamado a intervir” (CORRÊA, 1989, p. 40). O processo de centralização resulta na fragmentação em dois setores: o núcleo central e a zona periférica. Esta zona é caracterizada pelo uso semi-intensivo do solo, horizontalidade nas formas, além da área residencial destinada a classes de baixa renda.

O espaço urbano capitalista de Campos dos Goytacazes é carregado de fragmentações e desigualdades socioespaciais. Dessa forma, o crescimento da presença de igrejas, principalmente da terceira onda do pentecostalismo (neopentecostais) não é um fenômeno descolado da cidade moderna capitalista. Em 2019 em Campos dos Goytacazes, com relação ao número de lugares de culto, as igrejas evangélicas eram 71,4% (344 igrejas), católicas 21,3% (103 igrejas). Entre as igrejas evangélicas, 28,6% (138 igrejas) eram históricas, as pentecostais 27% (130 igrejas) e as neopentecostais 14,1% (68 igrejas) (SILVA, 2019). Essas materialidades representam interações socioespaciais que resultam na construção de redes de interações com o poder público, com a população em geral e com os setores produtivos. No caso de Campos dos Goytacazes, sendo o comércio e os serviços significativos. Diante disso, a temática do crescimento do poder das igrejas e seu respectivo controle do espaço urbano, impõe-se como necessária à compreensão das dinâmicas socioespaciais brasileiras, das quais recortaremos a análise para IURD em Campos dos Goytacazes. Entretanto, tais processos articulam-se com as escalas nacional e global. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou compreender tais processos ao investigar as normatizações municipais influenciadas pelas igrejas.

O presente trabalho teve como objetivo principal compreender a atuação das igrejas, especificamente a Igreja Universal do Reino de Deus, como agentes modeladores do espaço urbano em Campos dos Goytacazes. Para isso, analisou como o neopentecostalismo modela o espaço urbano tanto em sua materialidade, produção de fixos, quanto no modo de agir através da racionalidade neoliberal. Nesse sentido, trabalhamos com o conceito de psicoesfera e

tecnoesfera (SANTOS, 2006) para abordar o tema. Buscamos esta compreensão a partir das normatizações, que igualmente resultam em ações objetivas e revela o poder organizador do espaço urbano das instituições religiosas.

Método

Compreendemos que a pesquisa científica, no caso das ciências humanas, tem como base as teorias e os conceitos, precedidos pelo método, além dos procedimentos práticos do trabalho científico. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como conceitos fundamentais o espaço urbano e a religião. Esses interpretados pelo par dialético tecnoesfera e psicoesfera, conceitos propostos por Santos (2006).

Partimos do conceito de espaço urbano de Corrêa (1989, p. 7) que o define como:

conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos de terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade.

As fragmentações espaciais articulam-se através das relações espaciais de natureza social, isto é, por meio da sociedade de classes e os seus processos, que, nas palavras de Corrêa (1989, p. 9), pode ser compreendida como

fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isso envolve o cotidiano e futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial, etc. O espaço urbano assume assim uma dimensão simbólica que, entretanto, é variável segundo os diferentes grupos sociais, etários, etc.

O espaço urbano capitalista é constituído de profunda desigualdade e também mutabilidade, visto que é reflexo da sociedade, refletindo as ações presentes e as ações do passado, cristalizadas nas formas espaciais. Estas ações acumuladas são concebidas por agentes que produzem e consomem o espaço, com ações complexas partindo da dinâmica do capital, assim como da necessidade da reprodução das relações de produção e dos conflitos que emergem de uma sociedade de classes (CORRÊA, 1989). Estes agentes sociais atuam no processo de reorganização espacial, possuindo as ações respaldadas por regulamentações jurídicas e com estratégias que variam no tempo e no espaço, ou seja, são agentes modeladores do espaço urbano capitalista. A presente pesquisa considera as instituições religiosas como importantes agentes modeladores do espaço urbano, este que “permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos histórico-culturais, envolvendo diferenças sociais, poder, crenças e valores” (CORRÊA, 2003, p. 179), viabilizando a circulação de capital.

Raffestin (1993) traz a contribuição sobre as relações de poder, onde há uma realidade orgânica das trocas que, através do contato, as partes se modificam a partir da informação criada. Há então uma união entre a energia orgânica e a energia informacional. Esta relação não define somente as trocas, está presente em todas as relações sociais, coextensiva e cofundadora de toda relação social. O poder é intrínseco a todo o processo relacional, resultando em relações simétricas ou dissimétricas entre seus atores.

O conceito de religião é demasiado complexo e apresenta uma predisposição ao diálogo interdisciplinar. Nesse sentido, inicialmente partimos do entendimento da religião conforme Geertz (2008), ou seja, um sistema de símbolos que estabelece sentimentos e motivações poderosos. Esses podem ser duradouros e infiltrados nas concepções de uma ordem geral de existência, tornam-se tão fortes que podem ser concretizados, daí a *factualidade* defendida pelo autor.

No que se refere aos estudos da religião numa perspectiva geográfica, espaço e religião são dois conceitos que possuem forte relação. A noção de espaço na geografia não é unânime, já que pode ser abordado em múltiplas escalas e temas a depender da opção de método. O conceito de espaço é aqui compreendido como uma instância social, econômica e cultural-ideológica, um espaço essencialmente social (SANTOS, 1988). Os objetos geográficos, naturais e artificiais, somados a sociedade resultam em processos que

resolvidos em funções, se realizam através das formas. Estas podem não ser originariamente geográficas, mas terminam por adquirir uma expressão territorial. Na verdade, sem as formas, a sociedade, através das funções e processos, não se realizaria. Daí por que o espaço contém as demais instâncias. Ele é, também, contido nelas, na medida em que os processos específicos incluem o espaço, seja o processo econômico, seja o processo institucional, seja o processo ideológico (SANTOS, 1988, p. 2).

Nesse sentido, as formas configuram-se como *formas-conteúdo* já que, conforme o movimento social, há a mudança na significação das formas, no sentido que o conteúdo ganha uma nova dimensão. Sendo assim, “a *ação*, que é inerente à *função*, é condizente com a forma que a contém: assim, os *processos* apenas ganham inteira significação quando corporificados” (SANTOS, 1988, p. 2).

A oposição entre o sagrado e o profano presente no fenômeno religioso evidencia as relações de poder. É a religião a mediadora do sagrado, este que pode ser materializar nos objetos como também pode ser compreendido de forma subjetiva.

O conceito de espaço geográfico proposto por Santos (2006) compreende a relação entre espaço e sociedade mediada por meio da técnica, já que esta produz e cria o espaço. Mas, para alcançar a compreensão do espaço geográfico, é necessário compreender a técnica a partir da

sua totalidade, sem que haja limitações mecânicas, pois, sendo um conjunto dos meios instrumentais e sociais, produz e cria o espaço. Esse tem papel ativo nas relações sociais. O espaço geográfico constitui-se então como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, ou seja, “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p. 39). Os sistemas de objetos e os sistemas de ações interagem o tempo todo, pois o sistema de objetos condiciona as ações, e o sistema de ações criam novos objetos. Sendo essa relação dialética responsável pela transformação do espaço, pois a análise do espaço social a partir da psicoesfera e tecnoesfera permite a construção de uma nova dialética da reciprocidade – entre o singular, particular e universal (KAHIL, 1997).

Na perspectiva de análise da religião e espaço nesta pesquisa, entendemos o espaço urbano também como uma dimensão simbólica, que permite a manifestação de tais práticas culturais por grupos e classes sociais. No entanto, tais práticas não são descoladas da realidade material. Há uma dialética entre materialidades e imaterialidades. Nesse sentido propomos o uso do par dialético tecnoesfera e psicoesfera (Santos, 2006). Para o autor, a tecnoesfera compõe-se por um sistema de objetos e a psicoesfera faz referência ao sistema de crenças, desejos, esperanças e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos. Ambos são indissociáveis, a separação se faz para fins analíticos. Há uma tecnoesfera que depende da ciência e da tecnologia e representa o mundo dos objetos, precedida por uma psicoesfera “fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (SANTOS, 2006, p. 172), a esfera da ação.

Hoje, o próprio espaço, o meio técnico-científico, apresenta-se com idêntico conteúdo de racionalidade, graças à intencionalidade na escolha dos seus objetos, cuja localização, mais do que antes, é funcional aos desígnios dos atores sociais capazes de uma ação racional. Essa materialização do espaço o torna propício a uma materialização da vida social, conforme aos interesses hegemônicos. Assim se instalam, ao mesmo tempo, não só as condições do maior lucro possível para os mais fortes, mas, também, as condições para a maior alienação possível, para todos. Através do espaço, a mundialização, em sua forma perversa, empobrece e aleija (SANTOS, 2008, p. 14).

Nos estudos geográficos referentes a religião há o destaque para as noções de sagrado e profano, estes compreendidos nas dimensões econômica, política e espacial (ROSENDAHL, 2003). É a partir do poder simbólico presente nas materialidades que se mantém as relações de poder e a reprodução das territorialidades religiosas, assim, o sagrado ganha um valor simbólico e mercantil. Nesse sentido, a religião pode ser compreendida “como um sistema de símbolos sagrados e seus valores, e também a dinâmica da produção de bens simbólicos religiosos,

envolvendo os agentes sociais do processo em suas dimensões simbólica, econômica, social e política” (ROSENDAHL, 2003, p. 189). A produção de bens simbólicos legitima os valores estabelecidos na sociedade e formam o capital religioso, vinculado ao processo de produção capitalista. É através das formas simbólicas que a cultura é expressa no conteúdo das cidades, porém “ao ser transformada em mercadoria e incorporada ao processo de acumulação capitalista, particularmente após 1970, as formas simbólicas são redefinidas tanto em termos de formas e funções como de significados” (CORRÊA, 2003, p. 178), segundo o autor, são as cidades que criam e recriam novos significados e valor a partir do processo de acumulação do capital, a partir da totalidade das ações e objetos, isto é,

Como nem todo homem, empresa ou instituição são capazes de impor ao território seus projetos de forma fácil; e como nem todos os anseios e desígnios tem a força de tornarem-se efetivamente geografizados/materializados, faz-se necessário estarmos atentos à totalidade de objetos e ações que compõem o território usado, de forma a contemplar e reconhecer, nos mais diferentes agentes e discursos, as potencialidades políticas que emanam de outras ordens e de outras razões possíveis de uso do território (PEREIRA, 2019).

Assim, a instalação e expansão de igrejas neopentecostais materializam concepções religiosas de mundo produzidas a partir das vivências materiais. Ao mesmo tempo, as concepções de mundo difundidas por essas igrejas, fortemente presentes nas periferias urbanas, organizam e modificam o espaço urbano. Mas essas visões são também produzidas a partir das imaterialidades, na qual pode-se pensar nas normatizações instituídas através do sistema de leis, estas, por sua vez, cristalizam as ações (SANTOS, 2006).

A mudança da dinâmica das cidades é acompanhada pelo surgimento e inserção das ondas pentecostais. O pentecostalismo clássico apresentava um rigor face as transformações do espaço geográfico, mantendo ascética e sectária. Constitui-se no período técnico marcado tanto pelas técnicas pré máquina quanto com a mecanização da produção, além da mecanização da circulação através da instalação de ferrovias e rodovias, estabelecendo uma rede de cidades brasileiras, essencial para a integração do território em prol do mercado. Segundo Santos e Silveira (2002, p. 31) “essa integração revela a heterogeneidade do espaço nacional e de certo modo agrava, já que as disparidades regionais tendem, assim, tornar-se estruturais”. É neste período que marca o início da hegemonia de São Paulo, a partir do crescimento industrial e a presença do mercado territorial na região Centro-Sul, marcando também o início da formação da Região Concentrada². Há, concomitante, o aumento da população urbana sob as velhas estruturas sociais (Idem., 2002).

A segunda onda – deuteropentecostal, apresenta uma ampla articulação com o território a partir do estabelecimento da rede do movimento pentecostal, com a estratégia locacional

² Região constituída pelos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (SANTOS E RIBEIRO, 1979 *apud* Santos e Silveira, 2002).

vinculada ao contexto de desigualdade socioespacial. Foi um período marcado pelo expressivo aumento da população urbana junto à constituição de São Paulo como grande metrópole fabril do território nacional, principalmente com o grande aumento de investimentos. Com o crescimento da demanda por mais mercados ocorre o surgimento e desenvolvimento de diversas cidades. O Estado do Rio de Janeiro, ainda capital nacional, foi uma metrópole política e econômica. Porém, a ascensão de São Paulo e a construção de Brasília resultaram em uma nova metrópole econômica. Em 1964, com o golpe de Estado a internacionalização da economia brasileira avançou a partir de acordos para facilitar a entrada de capitais (SANTOS E SILVEIRA, 2002). Foi neste período em que a segunda onda pentecostal se consolida a partir do Estado de São Paulo.

A partir dos anos de 1970 ocorre a diminuição das atividades econômicas e ascende a necessidade de novas orientações para a sociedade. Surge então uma nova divisão territorial do trabalho, a partir da divisão internacional do trabalho. O período foi marcado pela modernização das comunicações, criando “condições de fluidez do território, uma fluidez potencial, representada pela presença das infra-estruturas, e uma fluidez efetiva, significada pelo seu uso” (SANTOS E SILVEIRA, 2002, p. 49), considerado como período técnico-científico-informacional – a globalização sob a égide do mercado. Também foi marcado pela modernização da agricultura e, conseqüentemente, o fenômeno do êxodo rural. Cada vez mais o território brasileiro tende à concentração e à centralização da economia, tendo como efeito a concentração geográfica e a concentração de renda, e designando áreas de maior e menor influência. Com a internacionalização dos processos de produção há o agravamento das desigualdades sociais de renda e o aumento da pobreza face ao favorecimento de grandes empresas. É neste período que as desigualdades regionais são conduzidas pelas desigualdades sociais, pois “o capital comanda o território, e o trabalho, tornado abstrato, representa um papel indireto” (Idem., 2002, p. 52). É nesse contexto em que surgem as igrejas neopentecostais, num período de ampliação do consumo, transformação de valores de uso e de troca e reconfiguração da hierarquia das cidades.

Metodologia

Metodologicamente, a pesquisa recorreu ao levantamento bibliográfico que ocorreram nas bases Scielo e Google Acadêmico, além de buscas nas bases digitais das bibliotecas da UFF, UFRJ, UNESP, Unicamp, na plataforma CAFE CAPES da UFF e revistas especializadas,

por ordem de relevância, utilizando as palavras-chave: neopentecostalismo, Igreja Universal do Reino de Deus, espaço urbano e neoliberalismo.

Foram obtidos dados secundários a partir do acesso às plataformas digitais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da base de dados contidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e do Centro de Informações e Dados de Campos dos Goytacazes (CIDAC), sendo este último de difícil acesso visto que se encontra fora do ar desde o início desta pesquisa. Também utilizamos dados obtidos no site oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Em razão da pandemia, foram realizadas tentativas de entrevistas por telefone com igrejas iurdianas a partir de números coletados no site oficial da instituição, porém sem êxito. A coleta e investigação destes dados secundários de forma remota possuía como caminho compreender as estratégias locacionais das igrejas e a atuação dos adeptos, além de identificar a dinâmica entre outros agentes modeladores do espaço urbano com relação às igrejas instaladas a partir da investigação das normas de autorização para funcionamento, das formas de propriedade das edificações (aluguel, propriedade cedida, comprada) e o financiamento da edificação (fiéis, doações de empresários, etc.), e, ainda, identificar imóveis refuncionalizados e o processo de evolução urbana no entorno das igrejas. Porém, devido a pandemia da Covid-19 causada pelo Coronavírus, que impossibilitou a realização de trabalhos de campo, entrevistas e observação. O que impôs a reconstrução de alguns objetivos específicos e parte da metodologia. Nesse sentido, reorientamos a análise para as normatizações para compreender a ação da IURD como agente modelador do espaço urbano.

Sendo assim, foram feitos o levantamento e catalogação de dados sobre as igrejas pelo site oficial da IURD, além do levantamento e catalogação de publicações feitas no Diário Oficial Municipal, no período compreendido entre 13 de março de 2020 – início da pandemia no município, até o dia 10 de maio de 2021. Foram coletadas publicações de jornais locais que continham informações sobre as normativas municipais e o funcionamento das igrejas em período pandêmico. Além do mais, foi realizado o levantamento da legislatura municipal de 2017 a 2020 e a legislatura municipal de 2021 a 2024. Em seguida realizamos a discussão dos dados levantados em conjunto com o levantamento bibliográfico.

A pesquisa está organizada em quatro seções, sendo a primeira intitulada **“O espaço urbano de Campos dos Goytacazes e a chegada dos protestantes”**, que traz a discussão do estabelecimento do protestantismo junto ao processo de urbanização que a cidade vivenciou. São apontadas como as crises do capitalismo, em especial conectadas com a produção da

agroindústria da cana-de-açúcar e as políticas neoliberais atingiram Campos dos Goytacazes, resultando na intensificação do processo de periferização e favelização de determinadas áreas.

A segunda seção, intitulada **“O movimento pentecostal e o advento do neopentecostalismo”**, é discutido o surgimento do movimento pentecostal no Brasil e seu processo difusor por todo o território brasileiro. São apontadas as principais estratégias de expansão e as ondas que dividem o movimento tanto a partir do corte histórico-institucional como a partir da mudança teológica, que deu origem ao neopentecostalismo.

A terceira seção, intitulada **“Tecnoesfera e psicoesfera: a Igreja Universal do Reino de Deus e a pandemia da COVID-19”** trazemos uma contextualização do advento e da consolidação da Igreja Universal do Reino de Deus no território brasileiro, acompanhada das mudanças socioespaciais. Além do mais é discutida a organização interna, centralizada e verticalizada. Em seguida, são abordadas as estratégias de organização e expansão espacial, com destaque para a consolidação da IURD em áreas periféricas.

A quarta seção, intitulada **“Teologia da Prosperidade e a psicoesfera neoliberal”** realizamos a análise da atuação da IURD no espaço urbano através das normatizações a partir da conjuntura pandêmica ocasionada pela COVID-19. Por fim, são apontadas as implicações na dinâmica do espaço urbano do município e as relações de poder estabelecidas.

Por último, a partir da investigação e apontamentos, nas considerações finais sublinhamos que há uma forte influência e atuação das igrejas na dinâmica do espaço urbano a partir das normatizações, bem como há uma relação de proximidade das instituições religiosas com o poder público. Muitas vezes, são coincidentes. Destacamos também que ficou evidente a força das igrejas por meio de seus fixos – uma tecnoesfera – cada vez mais presentes no espaço urbano e também pela difusão de ideias, sentidos, símbolos, doutrinas e ideologias, formando uma psicoesfera, que alimenta as ações no modelamento do espaço urbano do município de Campos dos Goytacazes a partir da legislação.

2. O ESPAÇO URBANO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES E A CHEGADA DOS PROTESTANTES

O espaço, enquanto categoria de análise, expõe a dificuldade em sua conceituação, uma vez que atende os objetos presentes e suas diversas significações. Enquanto objeto da ciência geográfica, Santos (1996), propõe a categoria de espaço humano ou espaço social, que abrange e é abrangido por diversos espaços, isto é, abrange a morada das diversas sociedades, sendo lugar de produção e reprodução das relações sociais, lugar de vida e de trabalho dos sujeitos. Este espaço geográfico, que é também o espaço social, tem sua definição alterada conforme o processo histórico vivido. Isto é, o significado dos objetos, seu conteúdo e a relação entre estes objetos muda conforme o processo histórico. Santos afirma que

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 1996, p. 122).

O espaço urbano apresenta dinamicidade em suas mudanças, explícito em sua materialidade e racionalidade, isto é, na tecnoesfera e psicoesfera (SANTOS, 2008), que nos permite compreender o espaço geográfico enquanto um sistema de objetos e ações, considerando as escalas espaciais locais, nacionais e internacionais a partir da relação dialética entre o lugar e o mundo. Os objetos fazem a mediação as relações, isto é, a instrumentalização do mundo dita as relações, como apontado por Kahil (1997, p. 219):

A condição social dos indivíduos, seu padrão de vida, a satisfação de seus desejos, sua liberdade e seu poder são inteiramente determinados por um novo sistema de valores: aqueles que procedem da racionalidade técnica – a performance, o funcional, o operatório; enquanto outros são reflexos ideológicos do mercado – rentabilidade, flexibilidade, mobilidade.

Campos dos Goytacazes é o maior município em extensão territorial do Estado do Rio de Janeiro, já que possui em sua área territorial 4.032,487 km². A cidade é uma das mais importantes do Norte e Noroeste Fluminense, principalmente no que diz respeito à esfera econômica, visto que é a principal cidade da região que dispõe dos setores de serviços, principalmente de educação e saúde) e comércios, que polarizam fluxos. Faria (2005) aponta a cidade como sendo o principal centro urbano na hierarquia urbana, possuindo ampla articulação com a capital, mas principalmente com o seu entorno, com fluxos diários motivados pelo comércio, serviços educacionais e de saúde.

Com sua municipalidade instalada no ano de 1835, a cidade foi o símbolo da modernização a partir das transformações ocorridas na iluminação pública, na viação com a instalação da Estrada de Ferro Macaé-Campos e na potência que a cidade fora na produção açucareira. A contribuição para a União chegou a ser de $\frac{3}{4}$ de toda a receita, equivalente à contribuição de 16 municípios (SOUSA, 2014). Os primeiros centros urbanos da região foram constituídos nos municípios de Campos dos Goytacazes e São João da Barra (FARIA, 2005), sendo o primeiro de maior relevância econômica.

Após 39 anos de sua municipalidade, a cidade contou com a primeira presença do protestantismo. Em 14 de junho de 1874, o pastor protestante da vertente presbiteriana, Cândido Joaquim de Mesquita, chegou ao município com objetivos proselitistas através de convites feitos por um funcionário que ocupava o cargo de gerente na gestão da Estrada de Ferro. Neste mesmo ano chegaram na cidade o pastor Miguel Vieira Ferreira e o norte-americano A. L. Blackford, a convite de ingleses e norte-americanos que residiam na cidade e eram considerados figuras importantes. O movimento protestante que se iniciara mobilizou a construção de um cemitério – Cemitério dos Protestantes, ou também conhecido como Cemitério dos Ingleses, estabelecido no ano de 1875 (SOUSA, 2014). O protestantismo somente começou a ter maior visibilidade em 1875 com o pastor Candido Joaquim de Mesquita, de origem portuguesa, já que este deu segmento a prática de culto a crença (Ibid., 2014).

Em 1891 foi fundada a primeira Igreja Batista com a liderança de pastores de origem inglesa e norte-americana, financiada pela Sociedade das Missões dos Estados Unidos. Foi a primeira igreja protestante a dar início ao uso dos meios de comunicação em massa no município com a publicação de um jornal mensal (SOUSA, 2014). Logo após foram surgindo outras denominações protestantes, porém a confessionalidade da cidade era majoritariamente católica, sem potenciais concorrentes.

Com o crescimento de Campos³, ocorreram diversas instalações técnicas, um adensamento técnico na área urbana do município. Dentre as instalações, pode-se destacar a Escola de Aprendizes Artífices, inaugurada em 1909; a ponte de ligação das vias férreas da Companhia Leopoldina Railway, construída em 1097; a instalação da Estação de Climatologia de Campos, em 1910; a Escola Profissional Feminina, em 1923; a inauguração da Rádio Cultura; além da instalação da Faculdade de Direito e da Faculdade de Farmácia e Odontologia; dentre outros (SOUSA, 2014).

É no início do século XX que Campos intensifica o processo de expulsão dos pobres do centro urbano. Com projetos modernizadores e higienistas do engenheiro sanitarista Saturnino

³ A partir deste momento, ao invés de usarmos a forma oficial do nome do município, Campos dos Goytacazes, vamos utilizar o nome usual, Campos.

de Brito, que tinha por objetivo embelezar e ordenar espacialmente a cidade de acordo com o sítio geográfico (FARIA, 2015). A área central é torna-se mais valorizada para atender aos interesses da burguesia e as áreas periféricas, “esquecidas” pelo poder público municipal. Já que não podiam ocupar o centro urbano mais bem equipado e valorizado, a população mais pobre passou a ocupar estas áreas.

A partir da década de 1940 a cidade vivencia o fenômeno de expansão territorial da urbanização, o que colocou em evidência as desigualdades socioespaciais presentes no espaço urbano. Tal fato fez emergir a necessidade da elaboração do Plano Urbanístico de 1944 para atender aos problemas causados pelos planos anteriores que consideravam apenas a área central e para guiar a expansão da cidade, sendo direcionada para as áreas periféricas. Porém não houve investimentos efetivos destinados às áreas periféricas, o que confirmou mais ainda o contraste e desigualdades do espaço urbano de Campos dos Goytacazes e o não acompanhamento dos processos socioespaciais resultados “da concentração demográfica urbana em expansão e da paralela falta de estrutura da cidade” (FARIA, 2005, p. 4788).

Já nos anos de 1950 a cidade passou a vivenciar o fenômeno do êxodo rural, pois muitos trabalhadores rurais de lavouras de café se deslocaram para os centros urbanos por conta do declínio da produção e o estabelecimento de novas leis trabalhistas no campo. A intensão ocupação da área urbana acaba por promover ocupações irregulares e inicia-se então o processo de favelização da cidade. Faria (2005, p. 4789) afirma que “é a partir destas variáveis que a cidade de Campos começa a apresentar, de fato, os problemas socioespaciais refletidos pela dualidade centro/periferia e seus respectivos grupos”. Mas é no ano de 1980 que Campos consolida as desigualdades socioespaciais, pois, com o declínio das Usinas de produção açucareira, há um contingente de trabalhadores desempregados que buscam nos centros urbanos oportunidades de emprego e melhores condições de vida (FARIA, 2005), acentuando ainda mais o processo de favelização.

Cabe ressaltar que em 1979 foi elaborado o Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos (PDUC). Desenvolvido pelo então prefeito Raul David Linhares, o plano tinha como objetivo promover o desenvolvimento físico e territorial urbano do município, considerando as relações geopolíticas, econômicas e culturais (FARIA, 2005).

Campos é marcado pela sua desigualdade socioespacial desenvolvida a partir do seu processo histórico. Com 39 setores censitários de ocupações subnormais – as favelas, com 15.777 pessoas residentes em domicílios, o município expõe a precariedade e a falta de

infraestrutura essencial para a população residente nessas áreas (tabela 1). Do total de setores, 18 não possuem vias de circulação interna, possuindo 2.082 domicílios. Observa-se que o número de domicílios aumenta conforme diminui a infraestrutura. Outra característica marcante no processo de favelização são os setores localizados às margens de córregos, rios ou lagos/lagoas, o que vai ao encontro ao processo histórico vivenciado pelo município, principalmente em relação a ocupação dos trabalhadores atingidos pela modernização que passaram a ocupar as margens do Rio Paraíba do Sul.

Tabela 1 - Características de setores censitários de ocupações subnormais em Campos dos Goytacazes

	SETORES CENSITÁRIOS	Nº DE DOMICÍLIOS
Total	39	4.595
Localizados em margem de córregos, rios ou lagos	20	2.189
Localizados em domínios de ferrovias	6	1.133
Localizados em domínios de rodovias	7	774
Presença de ruas	8	1.005
Presença de becos/travessas	12	1.457
Sem vias de circulação interna	18	2.082

Fonte: 1 IBGE, 2010. Organização da autora, 2021.

Os agentes modeladores do espaço urbano, com exceção dos agentes excluídos, objetivam o controle e dominação deste espaço.

A crise do liberalismo que teve seu estopim em 1929 resultou na reformulação do liberalismo. Mas, conforme apontado por Dardot e Laval (2016), o conceito era antes compreendido da forma de um novo liberalismo, com a intervenção do Estado na economia e na sociedade, atendendo a organização do sistema capitalista e às questões sociais. Este novo liberalismo resultou das inúmeras crises econômicas, além das desordens sociais e políticas, gerando desconfiança à doutrina liberal. Depois da crise de 29, as ideias liberais entram em descrédito. Este liberalismo clássico possuía como essência a ideia de que o Estado possuía apenas o papel repressor, com intervenção mínima, sendo a economia e sociedade dominadas pelo livre mercado. O sistema capitalista regido pelas ideias liberais desembocou na crise. John Maynard Keynes busca então reformular o pensamento liberal, propondo o Estado regulador da economia e da sociedade, além do planejamento da ação do Estado, proposições baseadas

na social democracia europeia e também ideias socialistas, com o objetivo de salvar o sistema liberal capitalista (DARDOT E LAVAL, 2016).

O Estado de bem-estar social baseado nas ideias propostas por Keynes traz a ideia da ação do Estado na construção de um mercado interno de massas, essencial para a demanda, a partir da regulação dos mercados, quadros legislativos e princípios morais (Idem, 2016). Ocorre em Paris, no ano de 1938, o Colóquio de Walter Lippmann, com a presença de pensadores da política liberal dos países ocidentais. É a partir do colóquio que o neoliberalismo nasce, como resposta ao reformismo social desencadeado pelo novo liberalismo”. O neoliberalismo busca produzir as condições necessárias através do enquadramento jurídico para assim desenvolver o mercado concorrencial e atender seus interesses, ou seja, desenvolve a concepção de mercado a partir da concorrência, sendo “o princípio central da vida social e individual” (DARDOT E LAVAL, 2016, p.70).

Com a crise do Welfare State, a partir do modelo keynesiano-fordista que nunca se efetivou de fato no Brasil, se desenvolve ainda mais o neoliberalismo, com mudanças na relação capital-trabalho e resgate ideais do liberalismo clássico (HARVEY, 2005). O neoliberalismo ganha destaque nas universidades, em especial a Universidade de Chicago com Milton Friedmann, com proposições de privatizações, de desregulamentação do mercado, de desregulamentação das leis trabalhistas, desenvolvimento de políticas contra movimentos sindicais e políticas de desmonte de direitos sociais, dentre outros. Este novo paradigma é caracterizado pela flexibilização do mercado, além da redistribuição de renda a favor do lucro e políticas monetárias reguladoras, controladas por agentes hegemônicos e encontra-se com as heranças escravocratas, com sua elite do atraso (Jessé Souza, 2019) presentes na formação socioespacial brasileira, cuja cidade de Campos dos Goytacazes é um lugar emblemático.

Com a crise de 1973 – crise do petróleo, as economias hegemônicas são conduzidas aos fenômenos de recessão e inflação, o que resulta no fortalecimento do pensamento neoliberal. O primeiro país a experimentar as ideias e políticas neoliberais foi o Chile em 1973 a partir do governo ditatorial de August Pinochet. No final da década de 70 a nova razão do mundo ganha força com a vitória de Margaret Thatcher na Inglaterra e em 1980 com a vitória de Ronald Reagan nos EUA, estabelecendo a hegemonia do neoliberalismo. É na década de 1980 que o neoliberalismo passa a ter instituições ativas em território nacional como a presença dos institutos liberais.

Com a liberalização e flexibilização do mercado, ocorre a intensificação de ocupações informais e desqualificadas através de novas normas e condutas de trabalho, caracterizadas por Harvey (2005), como pragmáticas e alienantes. As políticas de privatização,

desregulamentação, de liberdade plena do mercado, além do desemprego, a terceirização, a precarização e o desmonte dos direitos sociais junto a criminalização da pobreza resultam numa reconfiguração do mundo do trabalho, a fim de atender ao controle da acumulação do capital. Esta reconfiguração reflete principalmente nos países periféricos.

O Consenso de Washington ocorrido em 1989 foi um marco difusão do neoliberalismo. Dentre as políticas reguladoras discutidas, está a financeirização controlados pelo Banco Mundial, pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pela Organização Mundial do Comércio (OMC), o que fez com que os direitos sociais fossem atingidos através da mercantilização, privatização e globalização. Os países periféricos foram os mais atingidos, principalmente a classe trabalhadora que sofreu e sofre as consequências da superexploração do trabalho.

Foi a partir dos anos de 1990, com os governos de Fernando Collor de Melo (1990/1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995/2002) que as políticas neoliberais entraram em vigor no Brasil a partir de concessões e privatizações “entregando desta forma a gestão do território usado a grandes grupos empresariais, em grande parte estrangeiros” (PEREIRA, 2007, p. 154).

A apropriação privada, o desmonte da seguridade social, o aumento da violência, as remoções urbanas e a militarização dos conflitos são características únicas do neoliberalismo, que transcende a ideia de ser apenas um modelo econômico e se torna o modo de ser e estar na atual sociedade moderna. Em campos dos Goytacazes, a modernização da agricultura resultou no assalariamento desqualificado de trabalhadores, na expropriação de terras e expulsão de trabalhadores, além da estagnação da produção e da produtividade, expresso no declínio da produção sucroalcooleira. Com as políticas neoliberais em vigor, ocorre o aumento da população urbana, principalmente a partir da década de 1970 em diante (CARVALHO E ALMEIDA, 2020).

Concomitantemente às mudanças do espaço urbano do município e o avanço do neoliberalismo, houve o estabelecimento do movimento neopentecostal, já que, embora as instituições possuam ritos e práticas próprios, não estão dissociadas das outras esferas da vida. O neopentecostalismo tem como referência a criação da Igreja Universal do Reino de Deus em 1977, trata-se da terceira onda do pentecostalismo, que melhor explicamos na próxima seção.

3. O MOVIMENTO PENTECOSTAL E O ADVENTO DO NEOPENTECOSTALISMO

O protestantismo surge da Reforma Protestante ocorrida no século XVI, liderado por Lutero na Alemanha, a partir do rompimento com a Igreja Católica, ao questionarem a figura do Papa como líder do cristianismo, visto que, nos dogmas cristão, o Papa faz a mediação entre “Deus” e os indivíduos. A Reforma Protestante define o livro da Bíblia Sagrada como autoridade máxima, isto é, a Bíblia como maior poder de decisão nas relações protestantes. O movimento chega ao Brasil em 1823, por meio de imigrantes alemães luteranos. No ano de 1850 foram instaladas as primeiras igrejas missionárias congregacionais e presbiterianas e, logo após, ocorreu a chegada de missionários metodistas e batistas que, em sua grande maioria, eram originários da América do Norte (FREESTON, 1993). Segundo Huberman (1978), a reforma Protestante ocorreu num período de grande oportunidade para a acumulação do capital. A igreja católica tratava como pecado a acumulação de riquezas, enquanto a Reforma tinha como um dos pilares a defesa por essa acumulação como algo divino. O protestantismo possui, desde sua gênese, o espírito do capitalismo (WEBER, 2013).

Weber (2013) traz uma das mais relevantes contribuições sobre a simbiose entre o protestantismo e o capitalismo. Segundo ele, a reforma concebeu práticas sociais que atendiam aos interesses capitalistas. O trabalho passou a ser considerado como uma benção divina, uma vocação e o ócio como um pecado, uma fraqueza. Emergiram condutas morais que atendiam a lógica do capitalismo através da ideologia do trabalho.

Em Campos dos Goytacazes o protestantismo chegou em 1874, ocorrendo a primeira pregação em 18 de junho, realizada por um pastor presbiteriano (SOUSA, 2014). Em 1877 foi instalada a primeira igreja protestante no município. Mas a que obteve maior destaque foi a Igreja Batista, consolidando-se no município através de sua organização missionária e se tornando a mais numerosa igreja evangélica. Foi então no final dos anos de 1870 que ocorreram as primeiras manifestações evangélicas em Campos.

O movimento pentecostal pode ser analisado e compreendido a partir de três ondas (FREESTON, 1993; MARIANO, 2014), segundo seu corte histórico-institucional e diferenças teológicas. A primeira onda do pentecostalismo no Brasil, classificada como pentecostalismo

clássico (FREESTON, 1993), foi marcada pela sua chegada no início do século XX, no ano de 1910, de um missionário italiano e logo após por dois missionários suecos, todos convertidos nos Estados Unidos, país onde nasceu o movimento pentecostal. Por meio destes missionários foram fundadas as igrejas: Congregação Cristã no Brasil, em 1910 na cidade de São Paulo (SP), e Assembleia de Deus, em 1911, na cidade de Belém (PA).

No início do pentecostalismo clássico, os adeptos eram de classes com baixa renda e de pouca escolaridade, tendo este perfil alterado nas últimas décadas, já que os adeptos de classe média também passaram a compor este perfil (MARIANO, 2014).

O movimento pentecostal possui em seus fundamentos a recuperação de princípios da Igreja católica primitiva, sendo estes princípios a crença em dons como a glossolalia (dom de falar em línguas) e a cura, concedidos pelo “Espírito Santo”. Tais acontecimentos foram datados pela primeira vez nos Estados Unidos em uma criança, numa reunião religiosa em uma comunidade majoritariamente negra, na cidade de Los Angeles. No Brasil, os religiosos pentecostais disseminavam um discurso distante da dimensão política e houve uma separação progressiva entre os pentecostais brancos e negros. O que levou o pentecostalismo a um crescimento reduzido. A pregação dos pentecostais brancos era carregada de espiritualismo e afastamento do mundo real, com forte negação à política e às questões sociais. Há, na concepção do pentecostalismo clássico, uma postura sectária e ascética, rejeitando os prazeres mundanos.

Compreendido no período do pentecostalismo clássico (1910 a 1950), o Brasil, ainda com fortes características das produções agrícolas, com destaque à produção cafeeira, vivenciava a transição pré-capitalista industrial para o capitalismo industrial periférico, ocasionando no desenvolvimento de forças produtivas modernizantes (SANTOS E SILVEIRA, 2002). Com a instauração do Estado Novo, na década de 1930, as imposições sociais e práticas se combinavam com a moral pentecostal, esta que por sua vez, se mostrava ausente do debate político da sociedade.

Foi também neste período que ocorreu a 1ª Guerra Mundial, em 1914, com fim datado em 1918. No ano de 1920, ocorreu uma forte recessão econômica que resultou na Crise de 1929. O período foi acompanhado pelo conflito da 2ª Guerra Mundial que, após seu término, resultou na intensificação da industrialização e crescente urbanização, eventos que ocorreram tendo como base o casamento da ciência e da técnica (SANTOS, 2006). No Brasil, as cidades estavam crescendo, ou seja, intensifica-se a urbanização. As regiões que apresentavam maior modernização e densidade técnica, tiveram capacidade de atração dos fixos capitalistas e dos fluxos de trabalhadores, como a cidade de São Paulo (SP).

Segundo Mariano (2014), no final da década de 1980 a denominação Assembleia de Deus adotou uma postura mais flexível a fim de acompanhar as mudanças das sociedades que refletem no movimento pentecostal. Sua inserção nos meios de comunicação, além da inserção na esfera política exibem esta mudança de postura em busca de uma ascensão na hierarquia de poder estabelecida pelas instituições religiosas de origem protestante.

A segunda onda pentecostal, nomeada por Mariano (2014) de deuteropentecostal, foi marcada pela instalação da Igreja do Evangelho Quadrangular, originária dos EUA, na década de 1950, na cidade de São Paulo. O deuteropentecostalismo, que foi, segundo Mariano (2014, p. 32), “um desdobramento institucional tardio, em solo brasileiro, do pentecostalismo clássico norte-americano”, adotou a estratégia proselitista de uso dos meios de comunicação de massa, além do uso dos espaços públicos, conferindo um enorme peso a mensagem da cura divina, principal ênfase deste movimento, o diferindo da primeira onda pentecostal, que possui ênfase em dons do Espírito Santo. Cabe ressaltar que não ocorreram diferenças teológicas significativas entre a primeira e segunda onda, mas sim um critério de corte histórico-institucional. É nesta onda do pentecostalismo que se populariza o uso de meios de comunicação em massa como estratégia proselitista e expansionista. Foi neste período que o movimento pentecostal ganhou grande visibilidade no território nacional.

O deuteropentecostalismo alcançou adeptos de classes de baixa renda, incluindo migrantes nordestinos (MARIANO, 2014), localizados principalmente na cidade de São Paulo em busca de melhores condições de vida. Segundo Santos e Silveira (2002), é a partir de 1950 que ocorre uma aceleração do movimento migratório no Brasil, ocupando os grandes centros urbanos. Momento em que surgem outras denominações pentecostais, sendo as maiores e mais representativas a Igreja Brasil Para Cristo, Deus é Amor e Casa da Bênção. O que significou a expansão do movimento pentecostal, já que tais denominações tinham o objetivo de representar algum determinado grupo social, como jovens, dependentes, extratos da classe média, dentre outros, aproximando aqueles que antes não se identificavam com o movimento.

Neste período o território nacional vivenciou amplo crescimento econômico e densificação técnica, principalmente com a metrópole industrial que São Paulo se tornara. O governo de Juscelino Kubistchek, responsável pela criação de Brasília, marcou a interiorização e o crescimento econômico brasileiro, iniciado por Getúlio Vargas. Foi um período marcado pelo adensamento técnico em determinadas regiões, uma vez que “a construção de Brasília foi um passo importante, pois a rede de estradas, indispensável à afirmação do Estado sobre o conjunto do território, também era imprescindível para a expansão do consumo do que era produzido internamente” (SANTOS E SILVEIRA, 2002, p. 45).

A negação da política, principalmente na primeira onda, fez com que os pentecostais fossem convenientes ao *status quo*, que resultou, mais tarde, num apoio, mesmo que nas entrelinhas, dos pentecostais à ditadura militar, evidente na segunda fase pentecostal. A concordância ao regime caracterizou politicamente o pentecostalismo brasileiro (ALMEIDA, 1996). Nesse sentido, deuterpentecostalismo estabeleceu relações políticas com governos militares do golpe de Estado de 1964. A relação estabelecida possuía como cerne o interesse militar na conduta moral imposta pelas igrejas a seus adeptos, além da aceitação do autoritarismo e afastamento de questões sociais (GOUVEIA, 1992). Estabelecia um novo processo territorial, visto que a industrialização, a modernização da produção agrícola e o consumo concentrados no Sudeste, constituíram, segundo Santos e Silveira (2002), a Região Concentrada, agravando as desigualdades territoriais.

A terceira onda, também conhecida como neopentecostalismo, surge na metade da década de 1970, mas ganha força e visibilidade nas décadas de 1980 e 1990, a partir da fundação da Igreja Universal Reino de Deus (IURD), em 1977, da Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980 e Cristo Vive, em 1986, todas fundadas no Rio de Janeiro. Freston (1993) afirma que enquanto as igrejas da segunda onda são majoritariamente fundadas em São Paulo, a terceira onda começou a atuar no espaço urbano carioca, fazendo com que o estado apresentasse maiores percentuais de evangélicos no território nacional (Tabela 2).

Tabela 2 – Confessionalidade brasileira, estado do Rio de Janeiro e do município de Campos

ANO	CATÓLICOS			EVANGÉLICOS			PENTECOSTAIS			IURD		
	BR	RJ	CAMPOS	BR	RJ	CAMPOS	BR	RJ	CAMPOS	BR	RJ	CAMPOS
1970	91,77%	85,74%	89,07%	5,17%	8,92%	6,75%						
1980	88,95%	80,62%	82,47%	6,63%	8,24%	8,62%	3,24%	3,31%	1,85%			
1991	82,97%	66,67%	73,41%	8,98%	12,69%	10,83%	5,57%	7,45%	3,78%			
2000	73,57%	55,70%	59,24%	15,41%	21,98%	20,79%	10,58%	13,72%	9,73%	1,24%	2,75%	3,68%
2010	64,63%	45,81%	50,15%	22,16%	29,37%	31,06%	13,30%	15,76%	14,72%	0,98%	1,71%	3,18%

Fonte: IBGE 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010; organização da autora, 2020.

Enquanto a primeira e segunda onda pentecostal se diferem pelo critério do corte histórico-institucional, isto é, as quatro décadas que separam o pentecostalismo clássico do deuteropentecostalismo, a terceira onda difere não somente a partir do corte histórico-institucional, mas também, e principalmente, a partir das diferenças teológicas, comportamentais e sociais, ou seja, “são suas consideráveis distinções de caráter doutrinário e comportamental, suas arrojadas formas de inserção social e seu *ethos* de afirmação no mundo (MARIANO, 2014, p. 37). Cabe ressaltar que nem todas as igrejas fundadas a partir da metade dos anos 70 são da vertente neopentecostal. Para isto, é necessário que as igrejas apresentem em sua doutrina características teológicas e comportamentais neopentecostais, isto é

Quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal (MARIANO, 2014, p. 37).

Nesse sentido, há características que diferem o neopentecostalismo das duas primeiras ondas pentecostais, porém, há as características referentes ao movimento como um todo, isto é, que individualizam todo o movimento pentecostal. A pregação da cura divina, o ante ecumenismo, a formação de líderes fortes, o uso dos meios de comunicação em massa e a participação da política partidária são algumas características comuns ao movimento. Das características neopentecostais está a intensificação da guerra espiritual dualista pregada a partir da teologia do Domínio, a disseminação da Teologia da Prosperidade, a utilização de objetos para a mediação com o sagrado, além do estabelecimento de uma estrutura empresarial com entidades paraeclesiais constituídas por empresários, atuando fortemente como um mercado religioso (ou empresa religiosa?), como quer Dardot e Laval (2016). Esses aspectos apontados são convertidos na adoção de uma postura menos ascética e sectária, rompendo com as duas primeiras ondas pentecostais não só a partir de um corte histórico-institucional, mas também a partir de uma mudança teológica, resultando em um caráter inovador ao movimento pentecostal, em outras palavras, no neopentecostalismo.

As denominações neopentecostais diferem-se em determinadas práticas, sendo a mais criticada a Igreja Universal do Reino de Deus. Estas diferenciações são advindas, principalmente, dos EUA, país de origem do pentecostalismo e que influencia amplamente o neopentecostalismo brasileiro, desde suas práticas, doutrinas, literatura, além da formação de seus líderes em faculdades teológicas norte americanas. As entidades paraeclesiais neopentecostais foram fundadas a partir de influência de instituições estrangeiras, como é o caso da Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno (Adhonep) e o Comitê Cristão

de Homens de Negócio (CCHN), que são filiais de instituições norte americanas (MARIANO, 2014). Logo, o neopentecostalismo e o neoliberalismo possuem raízes comuns, o empresariado. Este fortemente influenciado pelas doutrinas econômicas dos Estados Unidos.

Sob influência norte americana, difundiu-se a Teologia da Prosperidade, formulada por Kenneth Hagin, pastor pentecostal e um dos precursores do neopentecostalismo. De modo sumário, a teologia dissemina que os adeptos são predestinados a viver de forma, saudável, feliz e próspera neste mundo, consolidando a racionalidade capitalista. Para isso, o adepto necessita não somente ter uma incontestável fé, mas transformá-la em doações financeiras, ou seja,

Além de possuir uma fé inabalável e de observar as regras bíblicas de como tornar-se herdeiro das bênçãos divinas, o principal sacrifício que Deus exige de seus servos, segundo esta teologia, é de natureza financeira: ser fiel nos dízimos e dar generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento (MARIANO, 2014, p. 44).

A Teologia do Domínio, criada e disseminada na década de 1980 pelo Fuller Theological Seminary, fundamenta-se na guerra espiritual dualista entre “Deus” e o “Diabo, entre o bem e o mal, que permeiam a vida cotidiana da sociedade. Mas a Teologia do Domínio está presente muito além das práticas realizadas dentro das igrejas, como práticas de exorcismo e sessões de descarrego, mas estão também cada vez mais presentes em discursos de líderes e representantes neopentecostais na política partidária.

Com a expressiva difusão da Teologia da Prosperidade e da Teologia do Domínio, teologias que se apresentam como soluções para problemas cotidianos, entre extratos da população mais pobre, a partir do final da década de 1970 até os anos de 1990, ocorre o acelerado crescimento do movimento pentecostal, o que fez do Brasil o maior país protestante da América Latina (Tabela 3). Foi neste período, principalmente com as políticas neoliberais dos governos Collor e Fernando Henrique Cardoso e, conseqüentemente, com a crise gerada que altos índices de desemprego e redução de consumo atingiram ainda mais a classe trabalhadora. Segundo José Santos (2019), ao analisarmos os processos urbanos capitalistas, há o processo de globalização que resulta nas lógicas territoriais, forma densidade técnica e informacional, isto é, o período técnico-científico-informacional, que permite a atuação empresarial de igrejas neopentecostais.

Tabela 3 – Confessionalidade brasileira

ANO	CATÓLICOS		EVANGÉLICOS		PENTECOSTAIS		IURD	
	%	nº absolutos	%	nº absolutos	%	nº absolutos	%	nº absolutos
1970	91,77%	85.472.022	5,17%	4.814.728				
1980	88,95%	105.861.113	6,63%	7.885.846	3,24%	3.863.503		
1991	82,97%	122.366.692	8,98%	13.189.284	5,57%	8.179.666		
2000	73,57%	125.518.774	15,41%	26.184.941	10,58%	17.617.307	1,24%	2.101.887
2010	64,63%	123.972.524	22,16%	42.275.440	13,30%	25.370.484	0,98%	1.873.243

Fonte: IBGE 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010; organização da autora, 2020.

O território brasileiro historicamente é de base católica consolidada. Em 1970, 91,77% da população era adepta do catolicismo. Porém, entre 1970 a 1991 o número de adeptos católicos sofreu uma queda de quase 10%, enquanto que o número de adeptos a religião evangélica cresceu 3,81% neste mesmo período (Tabela 3). O grupo dos evangélicos era, antes dos anos de 1990, majoritariamente composta por adeptos ao protestantismo tradicional. No ano de 1980, dos 6,63% de evangélicos no território brasileiro, 3,38% compunham a base do protestantismo tradicional, enquanto que o protestantismo pentecostal atingia 3,24%. Das igrejas protestantes tradicionais, está a Igreja Batista, que chegou ao Brasil em 1882 e foi uma das primeiras igrejas evangélicas a organizar seu sistema de expansão por meio das missões.

Nos últimos anos a confessionalidade brasileira apresentou bruscas mudanças e, no que diz respeito aos evangélicos, o protestantismo pentecostal passou a ter significativa relevância, chegando em 2010 a 13,30% de um total de 22,16% de adeptos às igrejas evangélicas. A IURD, embora não seja a principal igreja evangélica, se destaca no seu rápido crescimento de números de adeptos. Em 2000, dos 10,58% de pentecostais, 1,24% declaração adesão à IURD (tabela 3), apresentando uma expressiva relevância para a igreja do novo pentecostalismo. Percebe-se uma queda de adeptos da IURD entre 2000 e 2010, período em que ocorreram cisões de líderes da igreja, dentre eles o pastor Valdemiro Santiago, fundador da Igreja Mundial Poder de Deus (1996), de vertente neopentecostal e a principal concorrente da IURD.

Como precursora do neopentecostalismo brasileiro está a Igreja Nova Vida, fundada na onda deuterpentecostal, mas que apresentava práticas hoje consideradas como neopentecostais, como a forte acentuação a guerra espiritual através dos combates aos cultos afro-brasileiros e a disseminação da Teologia da Prosperidade. Edir Macedo, R. R. Soares e

Miguel Ângelo formaram sua doutrina na Igreja Nova Vida e fundaram as primeiras igrejas neopentecostais brasileiras, sendo, respectivamente, a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e a Igreja Cristo Vive (1986).

O meio técnico-científico-informacional, que se difunde no Brasil a partir da década de 1970 (SANTOS E SILVEIRA, 2002) é formado pela a base material, a tecnoesfera e por uma base imaterial, a psicoesfera, “a psicoesfera como materialização nos mecanismos que regulam conflitos, na padronização de imagens do mundo, na sua massificação dos valores culturais formadores de uma nova identidade social [...], complementar à esfera da racionalidade instrumental” (KAHIL, 1997, p. 217). Esse meio geográfico constitui a racionalidade modernizadora e neoliberal, pois através do casamento da técnica, da ciência e informação, é que atingimos o conhecimento do território guiado em favor das intencionalidades dos agentes hegemônicos.

O neopentecostalismo criou novas concepções de mundo, com forte incentivo ao consumo, ao individualismo e cada vez mais fluido às mudanças da sociedade capitalista. Há algumas mudanças que vem ocorrendo nas duas primeiras fases do pentecostalismo que evidenciam a influência do neopentecostalismo, mas há também mudanças ocorridas na Igreja Católica como a formação do movimento conhecido como Renovação Católica Carismática, grupo católico com características semelhantes ao neopentecostalismo (MARIANO, 1996).

Entre as igrejas neopentecostais, a Igreja Universal do Reino de Deus é, sem dúvida, uma das que mais cresceu e ganhou relevância territorial. Por isso a IURD foi selecionada para recorte analítico da pesquisa na cidade de Campos dos Goytacazes e detalhamos na seção a seguir. Uma igreja que da era do meio técnico-científico-informacional e constitutiva desse meio geográfico.

4. TECNOESFERA E PSICOESFERA: A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E A PANDEMIA DA COVID-19

4.1. A ORIGEM DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Como apresentamos, as igrejas neopentecostais nascem a partir da segunda metade da década de 1970 com fortes lideranças. Estas lideranças tiveram núcleo de formação a Igreja de Nova Vida, deuteropentecostal, pois esta já apresentava em suas práticas e doutrina, a gênese do neopentecostalismo.

A terceira fase, já no fim da década de 1970, é marcada com o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus, o maior movimento cristão já visto que deu origem ao neopentecostalismo, vertente do movimento pentecostal. A IURD nasce em 9 de julho de 1977, em uma antiga sala que antes funcionava como uma funerária no subúrbio carioca, no bairro da Abolição, localizado na zona norte do Rio, sob liderança de Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares e Roberto Augusto Lopes, havendo entre o final da década de 70 e no decorrer da década de 1980, rompimentos entre as lideranças. Edir Macedo tornou-se o principal líder da IURD.

Nos anos 1980 houve um acelerado crescimento do movimento pentecostal, resultado da inserção nos meios radiofônicos da recente vertente encabeçada pela IURD, e, em apenas 20 anos, conseguiu se tornar uma das maiores igrejas evangélicas no território brasileiro. É também nesta década que a IURD adota o governo eclesiástico episcopal, centralizando o poder nas mãos do bispo Macedo. Em 1984 estabeleceu a primeira IURD no estado de São Paulo e posteriormente, quando instaurada no bairro do Brás, tornou-se sede nacional da igreja. No Brás, foi nas instalações do antigo Cine Roxi que a IURD foi estabelecida e em 2014 foi construindo um mega templo no lugar da antiga estrutura do cinema. A construção do Templo de Salomão custou cerca de 680 milhões de reais, contando com 74 mil m² e com edificação equivalente a 18 andares de um prédio⁴. A estrutura exhibe em sua materialidade a relação de poder estabelecida pela IURD no espaço urbano além do fortalecimento de seus interesses de expansão e dominação, configurando ainda mais o mercado religioso. Se há um discurso iurdiano e, conseqüentemente, neopentecostal de afirmação neste mundo, onde o adepto converte sua fé em contribuições financeiras e é abençoado através de bens materiais e outros interesses mundanos, faz-se necessário uma megaestrutura para exibir poder, benção e mediação com o sagrado.

⁴ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2014/07/1491747-com-dilma-edir-macedo-ira-inaugurar-templo-de-r-680-milhoes-em-sp.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

4.2. ORGANIZAÇÃO IURDIANA

A IURD adotou, logo após seu surgimento, o governo eclesiástico episcopal, no qual há a centralização de poder e todas as tomadas de decisões passam pelo seu principal líder. O bispo Edir Macedo, que nas palavras de um ex-pastor da IURD, apresenta um perfil carismático e ditador, se apresenta também como um notável empreendedor religioso (MARIANO, 2014). Com o objetivo de atender aos problemas cotidianos de seus fiéis a partir da mediação com o sagrado, a IURD se estabelece como uma emergência assistencial do espaço urbano, propondo soluções aos seus adeptos, mas principalmente aos possíveis convertidos que procuram as igrejas em busca de resolver seus problemas terrenos.

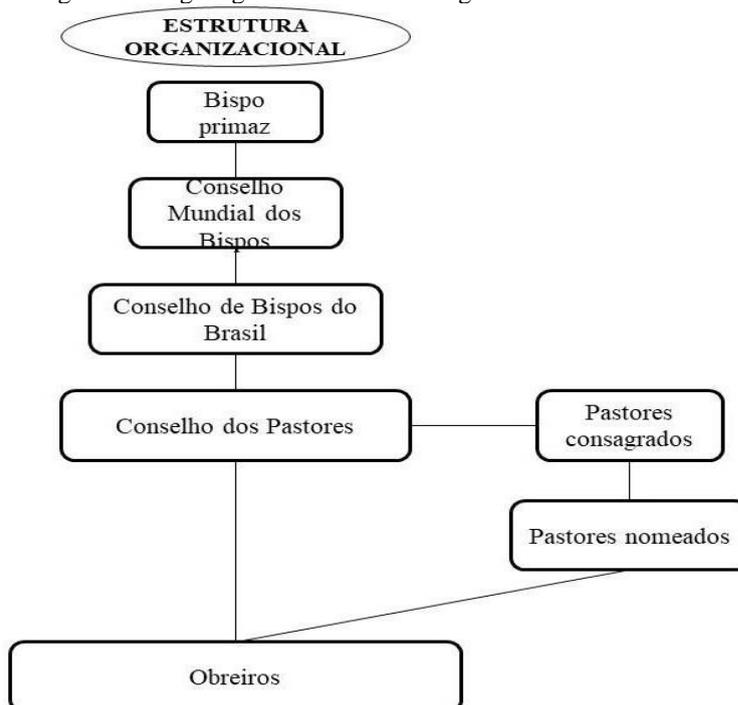
Para o bom funcionamento da IURD, que atua de forma empresarial, há uma organização hierárquica de cargos a partir da adoção de um governo eclesiástico episcopal. No topo da estrutura vertical está o bispo primaz, centralizado na figura de Edir Macedo. Abaixo do bispo primaz, estão os bispos nacionais, regionais e estaduais. Os pastores estão abaixo dos bispos na hierarquia de poder iurdiano e são subdivididos em duas categorias, sendo o pastor titular responsável pela administração de determinada congregação dada a região, além de dirigir os principais cultos como os cultos ocorridos aos domingos, o principal culto semanal onde se realizam pregações para a saúde, a família e a vida financeira e também o principal momento de estabelecer uma relação mais íntima com Deus concretizada por meio de dízimos mais vantajosos. Os pastores auxiliares, como o próprio nome indica, auxiliarem os pastores titulares, dirigem cultos e ajudam no processo de arrecadação. Na base da estrutura hierárquica estão os obreiros que, em suma, ficam responsáveis por auxiliar rituais, correntes de orações, dentre outros serviços que demandam mão de obra (Figura 1). Os obreiros não recebem nenhum tipo de salário ou ajuda financeira da instituição.

Entre os pastores, há a divisão entre os nomeados e os consagrados (Figura 1). Os pastores nomeados recebem o cargo de auxiliares. Eles são a maioria e recebem apenas uma ajuda de custo. Os pastores consagrados são os pastores titulares que, para exercer tal cargo, necessitam ser casados e ter vocação ministerial. Estes, assim como os bispos, possuem todos os seus custos arcados pela igreja, incluindo moradia, alimentação, acesso a planos de saúde, automóveis, dentre outros. Segundo Mariano (2014), a igreja não torna público o valor dos salários dos pastores, mas o valor é modificado conforme diversos critérios, inclusive o número de filhos. Os números de pastores titulares são menores e, em média, a cada congregação são destinados dois pastores auxiliares e um pastor titular (MARIANO, 2014). Para se tornar um

pastor titular é preciso mostrar destaque no papel de liderança e conseguir grandes arrecadações financeiras, garantindo assim sua subida hierárquica nas relações de poder.

Compondo a hierarquia eclesial, há, no topo o Conselho Mundial de Bispos, seguido do Conselho de Bispos do Brasil e, na base da estrutura, o Conselho de Pastores, mas todas as decisões e comandos continuam centradas na figura do bispo primaz (Figura 1). A cada uma congregação há um pastor consagrado e dois pastores auxiliares.

Figura 1 – Organograma da estrutura organizacional iurdiana



Fonte: Mariano, 2004; Universal, 2021. Organização da autora, 2021.

É possível observar como a IURD atua como uma emergência assistencial aos problemas da sociedade moderna ao analisar a rotina de seu funcionamento e a distribuição de seus serviços religiosos especializados nos dias da semana, não havendo nenhum dia que a igreja não funcione. De segunda-feira a domingo a igreja abre desde às 7 horas da manhã até as 22 horas, com um sistema de agenda imposto a todas as IURDs distribuídas no território nacional, com algumas pequenas diferenciações nos nomes dos serviços religiosos, mas todos objetivando os mesmos resultados. Aos domingos ocorre o principal culto semanal, onde a igreja propõe a manifestação do Espírito Santo e um contato mais íntimo com Deus, “que, na cosmovisão difundida pela igreja, tornaria este ainda mais generoso e atento às necessidades dos devotos” (MARIANO, 2014, p. 58). Às segundas-feiras oferecem cultos destinados ao sucesso profissional e material. Às terças-feiras dedicam-se a serviços de curas de problemas

de saúde. Às quartas-feiras oferecem estudos sobre o texto da Bíblia e orientam como aplicar os ensinamentos no cotidiano dos adeptos. Às quintas-feiras são ofertados os serviços que atendem casais em crises e problemas conjugais. Na sexta-feira ocorre os rituais de exorcismo. Aos sábados propõem jejum para solucionar problemas, chamado “jejum das causas impossíveis”. O funcionamento diário e quase que ininterrupto responde àquilo que aqui chamamos de emergência assistencial do espaço urbano, evidenciando o neopentecostalismo como fenômeno urbano.

4.3. EXPANSÃO IURDIANA

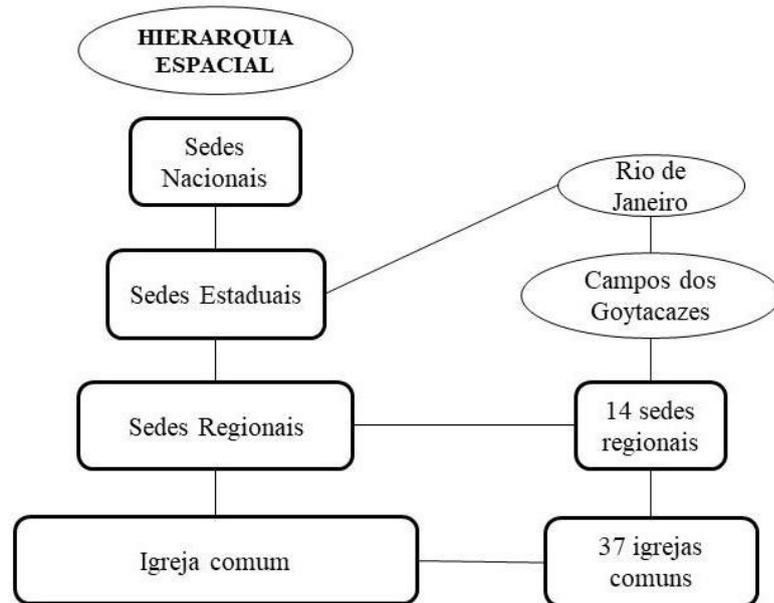
Com seu rápido crescimento, o neopentecostalismo fez do Brasil o maior país evangélico da América Latina. Com algumas diferenciações do pentecostalismo, o neopentecostalismo se encaixa nos moldes de uma sociedade do consumo, por meio da Teologia da Prosperidade (MARIANO, 1996; ALMEIDA, 1996). A IURD marcou a história evangélica brasileira ao se inserir nos maiores meios de comunicação de massa e tornou-se proprietária de uma emissora (a Record), mais de 40 canais de rádio, diversos jornais, gráficas e editora. A igreja utiliza das grandes mídias para evangelização e, conseqüentemente, alcança progressiva expansão. A América Latina é a região em que o movimento mais se expandiu no mundo e o Brasil possui grande destaque. Em 1989 a IURD contava com 571 templos distribuídos pelo Brasil e em outros países. Mariano (2014) traz um dado importante em relação ao crescimento da igreja que chegou a 2.600%, possuindo a maior parte dos templos concentrados no Sudeste. Além disso, sua difusão ocorreu de forma internacional, estando no final dos anos de 1990 presente em 50 países. Atualmente a instituição conta com, em média, 12 mil templos, distribuídos em 135 países. Somente no Brasil há 8.773 templos⁵.

No que diz respeito a sua organização espacial, a IURD adota um sistema verticalizado, sendo o topo da hierarquia ocupado pelas sedes nacionais. A sede nacional brasileira é o Templo do Salomão, localizado no bairro do Brás, na capital de São Paulo. Descendo a hierarquia, estão as sedes estaduais, seguidas das sedes regionais e, na base da hierarquia, as igrejas comuns (Figura 2). No processo decisório e de administração das doações, as igrejas comuns não possuem autonomia, sendo necessário transferir as informações para as sedes regionais, até que chegue às sedes nacionais (MARIANO, 2014). Mas ao mesmo tempo, a IURD apresenta certa flexibilidade e descentralização no que diz respeito a sua territorialidade, visto que são as igrejas comuns as mais numerosas e, conseqüentemente, as que mais estão presentes no espaço urbano,

⁵ Informações disponíveis em notícia não assinada publicada no jornal R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>. Acesso em: 5 agos. 2021.

o que exibe sua “força expansionista latente e sempre renovável, capaz de adequar-se às inúmeras condições impostas pelas transformações da sociedade contemporânea” (MACHADO, 1993, p. 228). Em Campos dos Goytacazes, há a presença de 37 igrejas comuns e 14 sedes regionais (Figura 2), totalizando 51 IURDs no município.

Figura 2 – Organograma da hierarquia Espacial



Fonte: Machado, 1993; Mariano, 2004; Universal, 2021. Organização da autora, 2021.

Mas o principal meio de comunicação utilizado de forma proselitista para a expansão neopentecostal foi o rádio. Após a 2ª Guerra Mundial, o uso da informação pelas igrejas pentecostais e, em seguida, neopentecostais, foi intenso, consolidando o uso de mídias de massa para atender a estratégia proselitista. O meio radiofônico apresentou grande audiência entre extratos da população mais pobre da sociedade, segundo pesquisa realizada pelo Datafolha, em 1993 (MARIANO, 2014). As pregações radiofônicas são tão importantes na expansão da igreja, que antes de fundar uma IURD com seu espaço físico, o meio de comunicação era utilizado, pois dessa forma conseguiam atrair possíveis adeptos que conhecem a igreja e a palavra pregada através do rádio e passam a frequentar as reuniões que são divulgadas, iniciando um núcleo.

O uso do meio radiofônico perdura até os dias atuais. A IURD possui a rede Aleluia, criada em 1998, com 17 emissoras, tendo como geradora a rádio FM 105,1. Em 2002 a rede

passou a ser gerada pela rádio 99,3 FM, em São Paulo. Segundo o site oficial da Rede Aleluia, o motivo da mudança se deu pela necessidade de uma estrutura de transmissão mais equipada. Atualmente a rede possui 92 emissoras, abrangendo 80% do território brasileiro. Em Campos dos Goytacazes a instituição conta com uma emissora de rádio no interior da Catedral Universal de Campos, principal sede regional do município.

O neopentecostalismo transformou o panorama e o campo religioso brasileiro, e também tem contribuído para reconfigurar a esfera pública nacional por meio do seu crescente ativismo político partidário eleitoral e sua intensa participação nos meios de comunicação de massa. Com amplo objetivo de expandir sua influência e dominação no espaço urbano, a IURD participa da vida política desde 1982, ano da primeira eleição em que a igreja lançou candidatos próprios. Sua inserção e expansão na esfera política em busca de poder e defesa de interesses corporativos são conquistados a partir da defesa de pautas morais, conquistando ainda mais a base eleitoral, já que, para além dos adeptos da igreja, o moralismo está incutido na psicosfera da cidade, atraindo novos eleitores.

A IURD não mede esforços para realizar as campanhas eleitorais e usam de todos os dispositivos disponíveis da igreja para assegurar que seus adeptos sigam suas orientações eleitorais, já que “o poder centralizador, o carisma dos líderes, o uso da “máquina” da igreja, a disciplina dos pastores e a obediência de boa parcela dos fiéis constituem importantes ingredientes de seu sucesso político-eleitoral” (MARIANO, 2014, p. 92).

A expansão do neopentecostalismo contou com a reformulação de concepções religiosas, surgindo a Teologia da Prosperidade, formulada por Kenneth Hagin, através do movimento da Confissão Positiva. A Teologia da Prosperidade, que possui origem nos EUA, surgiu na década de 1940, tornando-se uma doutrina em 1970 a partir do forte movimento carismático do seu país de origem. A criação da teologia que possui como premissa a cura, a prosperidade e a fé, tornou Hagin um importante evangelista e em 1974. Hagin criou um centro de formação de lideranças carismáticas.

A Teologia da Prosperidade declara que os adeptos são destinados a vencer neste mundo, isto é, são destinados a melhores condições de vida material e saúde abundante, sendo, conseqüentemente, prósperos e felizes neste mundo. Diferente das duas primeiras ondas pentecostais ascéticas e sectárias, a doutrina é um dos princípios que marca a singularidade do neopentecostalismo. Sua ascensão é concomitante à ascensão do neoliberalismo a partir de uma racionalidade globalizada (GUADALUPE, 2020). A teologia propõe que a prosperidade material é o alcance da benção divina, já que “Deus” distribui riquezas para aqueles que oferecem sua fé a partir de doações financeiras. Sendo assim, a prosperidade terrena é a salvação

para aqueles que depositam a sua fé convertida em dinheiro e a pobreza passa a ser compreendida pelos neopentecostais como sinônimo de falta de fé. O que faz com que os extratos mais pobres da sociedade sejam atraídos pela doutrina, porém não sendo restrito somente aos menos favorecidos. As parcelas das classes mais favorecidas também são atraídas pela mensagem, já que esta afirma que são eles os abençoados por uma força divina neste mundo. A Teologia da Prosperidade defende a prosperidade divina como prosperidade material e acumulação de riqueza, além de defender o empreendedorismo, ou seja, para alcançar a benção divina e os bens terrenos têm que haver o esforço individual.

O sucesso da doutrina neopentecostal se dá a partir dos anos 70. Coincide não ao acaso, com o momento em que o Brasil iniciara um amplo processo de modernização do território, principalmente com a difusão do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008). O espaço geográfico globalizado é caracterizado pelo conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, isto é, caracterizado pela materialidade e pela ação, “é o *locus* onde são produzidas as ações dos homens, das empresas, dos Estados e demais instituições sociais” (PEREIRA, 2007, p. 63). Nesse sentido, o ascetismo e sectarismo pentecostal perdera a força, resultando numa adaptação de grande parte destas igrejas à sociedade de consumo, principalmente às que surgiram da década de 70 em diante, como é o caso da IURD.

Diante da mobilidade social de parte dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos ao mundo da moda, do lazer e das opções de entretenimento criadas pela indústria cultural, essa religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões (MARIANO, 2014, p. 148).

O movimento adaptou-se às mudanças sociais oriundas da modernidade. A transformação na concepção religiosa conduziu também ao processo de institucionalização neopentecostal e à rotinização, destinando dias da semana para o atendimento de problemas cotidianos e assim, atendendo ao mercado religioso, como é o caso da IURD.

Mas pode-se indagar como a doutrina permanece sendo uma das maiores – se não a maior – estratégia proselitista neopentecostal, visto que os problemas cotidianos oriundos de uma sociedade de consumo não cessam, principalmente aos adeptos que se encontram na base da pirâmide social. E a resposta se encontra exatamente no discurso proferido por líderes carismáticos, que responsabilizam os adeptos pela falta de fé ou por duvidar da confissão positiva, isto é, por duvidar da concretização das bênçãos, que, por muitas das vezes, são confissões impossíveis de serem alcançadas, o que gera demora na concretização e, conseqüentemente, gera a dúvida do adepto, resultando no fracasso da confissão. É por isso que

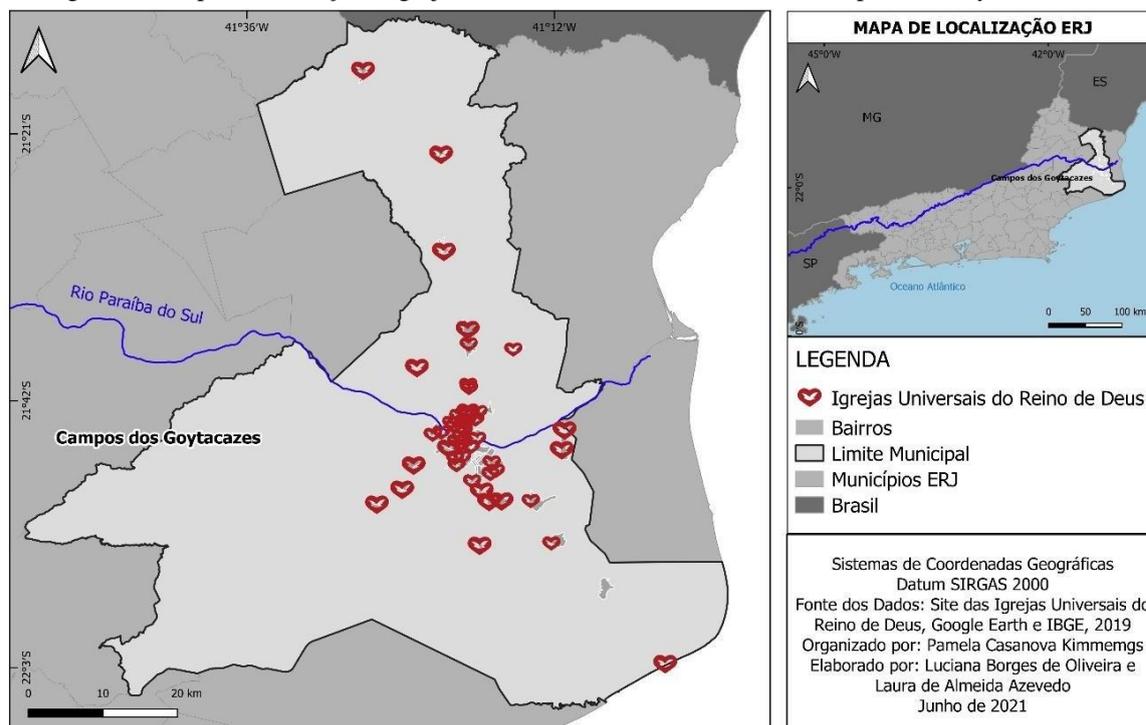
os neopentecostais permanecem avançando na base da pirâmide socioeconômica, ou seja, se expande nos extratos econômico e socialmente mais vulneráveis da sociedade brasileira, já que se dedicam a atender problemas cotidianos daqueles que não são assistidos pelas esferas públicas de poder, conquistando parcelas desprivilegiadas social e economicamente ao prometerem, através da doutrina, “saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo e vitória sobre todo e qualquer sofrimento” (MARIANO, 2014, p. 152).

Os neopentecostais, com discursos de fáceis entendimentos, principalmente no que se refere à evangelização, possuem estratégias de inserção em localidades “esquecidas” socialmente, com gritantes problemas e dramas sociais e, a partir dessas fraquezas sociais, iniciam o trabalho de abrigo e evangelização, oferecendo uma resposta imediata aos problemas através da Teologia da Prosperidade.

Machado (1993) salienta dois aspectos de difusão socioespacial desigual do pentecostalismo brasileiro. Um dos aspectos apontados refere-se a desigual distribuição de igrejas pentecostais no âmbito intraurbano, já que “as periferias urbanas, enquanto lócus de reprodução dos trabalhadores pobres urbanos, se constituem em áreas estratégicas de expansão e materialização pentecostal” (MACHADO, 1993, p. 226). O neopentecostalismo se expressa no espaço urbano a partir desta estratégia, com algumas ressalvas.

Conforme o mapa 1 (Figura 3), que aborda a presença da Igreja Universal do Reino de Deus no município de Campos dos Goytacazes, é possível observar que há uma distribuição desigual do número de igrejas presentes no território. O município, em sua divisão administrativa, é constituído por 13 distritos e o distrito sede, sendo eles: Campos de Goytacazes (distrito sede), Dores de Macabu, Ibitioca, Morangaba, Morro do Côco, Mussurepe, Santa Maria, Santo Amaro de Campos, Santo Eduardo, São Sebastião de Campos, Serrinha, Tocos, Travessão e Vila Nova de Campos (IBGE, 2017). O Rio Paraíba do Sul que atravessa o município é um elemento físico de grande relevância para a separação socioespacial. De um lado da margem (na qual chamaremos aqui de margem esquerda, tendo como referencial o sentido de deságua do rio) localizam-se grande parte do distrito sede, seu principal centro urbano e as instituições públicas; ainda nesta margem localizam-se os distritos Dores de Macabu, Ibitioca, Morangaba, Mussurepe, Santo Amaro de Campos, São Sebastião de Campos, Serrinha e Tocos. A margem oposta à descrita acima, na qual chamaremos de margem direita, localizam-se o bairro de Guarus, que faz parte do distrito sede, além dos distritos de Santa Maria, Santo Eduardo, Morro do Côco, Travessão e Vila Nova de Campos.

Figura 3 – Mapa 1: Presença da Igreja Universal do Reino de Deus em Campos dos Goytacazes - 2021



A partir dos processos históricos que constituíram os distritos, foram formados núcleos que, mais tarde, resultaram em diversas áreas urbanas, fora da sede municipal. As vias de circulação que interligam estes distritos localizam-se nas proximidades dessas áreas urbanas. A IURD tem como uma de suas estratégias de espacialização a instalação em áreas urbanas e próximas a grandes vias de circulação, o que facilita sua visibilidade e acesso de adeptos e virtuais adeptos.

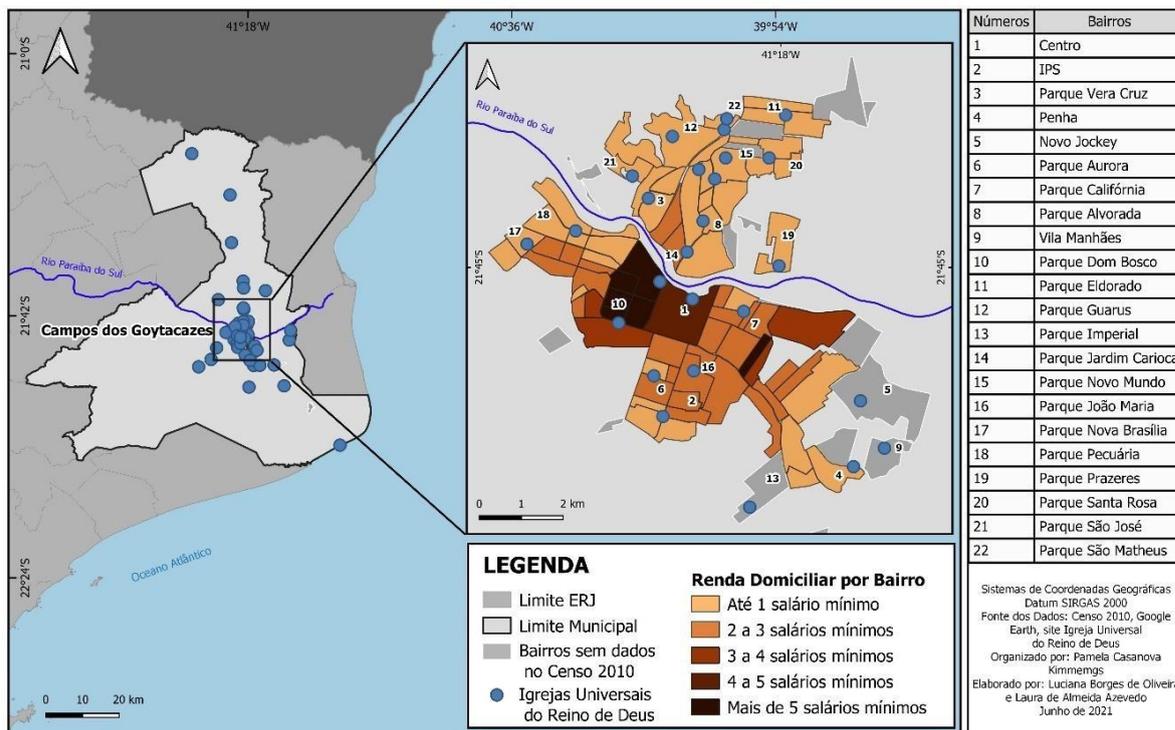
Cabe a observação que, para além da concentração de igrejas no distrito sede, a IURD está presente em quase todos os distritos da margem direita (Figura 3), com exceção do distrito de Santo Eduardo, mas que, conforme a análise do mapa, é atendido pela IURD localizada no limite do distrito de Santa Maria, situado a 70 km do distrito sede, e que antes de 1960 era compreendido pelo distrito de Santo Eduardo; o distrito de Morro do Côco está situado a 47 km do distrito sede; o distrito de Vila Nova de Campos está situado a 42 km do distrito sede; e o distrito de Travessão está situado a 19 km da sede e é o segundo distrito mais populoso do município. A IURD localiza-se de forma pontual nestes distritos e sempre acompanha as grandes vias de circulação.

Outra estratégia de expansão diz respeito a uma maior concentração neopentecostal no espaço urbano junto a parcela da população mais vulnerável social e economicamente. É possível observar que a espacialização iurdiana em Campos dos Goytacazes, acompanha a

distribuição de renda como estratégia neopentecostal conforme o mapa 2 (Figura 4), indo ao encontro do que foi desenvolvido em nossa pesquisa e pelas principais referências bibliográficas, ou seja, a instalação dessas igrejas em áreas de maior concentração de extratos mais vulneráveis da sociedade. O rio Paraíba do Sul, que atravessa a cidade, é de suma importância para a organização do espaço urbano e para a dinâmica espacial da cidade. Como foi abordado anteriormente, a cidade participou de um amplo processo de modernização a partir de modernizações urbanísticas no seu centro urbano. Porém, esse processo ocorreu majoritariamente de um lado da margem do rio (margem direita), sendo a outra margem (esquerda) ocupada principalmente por trabalhadores rurais atingidos pela modernização do campo e declínio da produção açucareira, que desencadeou ao processo de êxodo rural na década de 1950 e, conseqüentemente, alta concentração de trabalhadores em busca de melhores condições no centro urbano (FARIA, 2005). Sem haver qualquer tipo de assistência, iniciou-se o amplo processo de ocupação de áreas localizadas na margem oposta da área central da cidade e das áreas periurbanas.

A década de 1980 foi marcada pelo expressivo processo de favelização de Campos dos Goytacazes, já que estes trabalhadores, atingidos pelo declínio da cana-de-açúcar e instáveis com as incertezas em alcançar um trabalho formal, não encontraram outra saída além o trabalho precário. Grande parte dessa população fixou moradia em áreas localizadas nas periferias da área central, principalmente por conta da locomoção em busca de oportunidades de emprego. O processo de periferização e favelização fez com que grande parte da população atingida ocupasse Guarus, distrito que foi extinto em 1967 e teve sua área anexada ao distrito sede do município. Mas a área compreendida pelo então distrito continuou sendo popularmente chamada de Guarus e estigmatizada por suas carências em equipamentos de uso coletivo e vulnerabilidades sociais.

Figura 4 – Mapa 2: Campos dos Goytacazes: presença da Igreja Universal do Reino de Deus e renda média domiciliar na área urbana principal – 2021.



Conforme o mapa 2 (Figura 4), é possível observar que a IURD atua com a estratégia de se consolidar em áreas periféricas. Analisando os bairros onde há a presença da IURD em Guarus (Quadro 1; Figura 4), na margem esquerda do rio, foi levantado que o bairro Parque Eldorado possui população de 3.658 habitantes, 1.455 residências e 275 estabelecimentos comerciais (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2018); o bairro Parque São Matheus possui 2.266 habitantes, 1.275 residências e 195 estabelecimentos comerciais; o bairro Parque Guarus constitui um dos principais centros urbanos localizados na margem esquerda do rio e é um dos bairros com maior extensão territorial. Sua população é de 12.820 habitantes, possuindo, em média, 7.585 residências e 1.193 estabelecimentos comerciais; o bairro Parque Santa Rosa possui 2.728 habitantes, 1.544 residências e 71 estabelecimentos comerciais; o bairro Parque Novo Mundo possui 6.984 habitantes, 3.265 residências e 441 estabelecimentos comerciais; o bairro Parque São José possui 1.456 habitantes, 1.678 residências e 176 estabelecimentos comerciais; o bairro Parque Vera Cruz possui 4.462 habitantes, 2.048 residências e 294 estabelecimentos comerciais; o bairro Parque Prazeres possui 6.696 habitantes, 4.444 residências e 385 estabelecimentos comerciais; o bairro Parque Jardim Carioca possui 2.615 habitantes, 1.347 residências e 144 estabelecimentos comerciais. Com exceção do bairro Jardim Carioca que possui renda domiciliar de até 2 salários mínimos, todos os outros bairros possuem renda domiciliar de até 1 salário mínimo (IBGE, 2010), evidenciando a pobreza que se faz presente.

Quadro 1 - Bairros em Guarus com a presença da IURD

BAIRRO	POPULAÇÃO	Nº DOMICÍLIOS	Nº COMÉRCIOS	RENDA MÉDIA
Pq. Eldorado	3.658	1.455	275	Até 1 salário mínimo
Pq. São Matheus	2.266	1.275	195	Até 1 salário mínimo
Pq. Guarus	12.820	7.585	1.193	Até 1 salário mínimo
Pq. Santa Rosa	2.728	1.544	71	Até 1 salário mínimo
Pq. Novo Mundo	6.984	3.265	441	Até 1 salário mínimo
Pq. São José	1.456	1.678	176	Até 1 salário mínimo
Pq. Vera Cruz	4.462	2.048	294	Até 1 salário mínimo
Pq. Prazeres	6.696	4.444	385	Até 1 salário mínimo
Pq. Jardim Carioca	2.615	1.347	144	2 a 3 salários mínimos

Fonte: Perfil dos Bairros, Campos dos Goytacazes; IBGE. Organização: Pamela Casanova Kimmemgs, 2021.

Dos bairros periféricos presentes na margem direita do rio que contam com a presença da igreja (Quadro 2; Figura 4), somente os bairros Parque Pecuária, Parque Nova Brasília e Penha possuem renda domiciliar de até 1 salário mínimo. Mas, além da instalação estratégica em bairros periféricos, a IURD apresenta presença em bairros que apresentam maior renda domiciliar, principalmente os bairros que compõem o distrito sede. Os bairros com renda domiciliar de 2 a 3 salários mínimos são os mais expressivos com o número de IURDs, sendo eles: bairro Parque Califórnia com 1.411 habitantes, 506 residências e 50 estabelecimentos comerciais; Parque João Maria com 5.517 habitantes, 2.035 residências e 214 estabelecimentos comerciais; Parque Aurora com 3.928 habitantes, 1.963 residências e 250 estabelecimentos comerciais; e IPS com 2.370 habitantes, 1.110 residências e 103 estabelecimentos comerciais (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2018). O Centro constitui o principal centro urbano do município e de municípios vizinhos. Sua população é de 10.071 habitantes, com 7.104 residências e 5.574 estabelecimentos comerciais. A renda domiciliar do centro é de 4 a 5 salários mínimos. O único bairro com renda domiciliar de mais de 5 salários mínimos é o Parque Dom Bosco que compreende parte da área mais valorizada da cidade com a presença da IURD. Sua população é de 763 habitantes, possuindo 627 residências e 50 estabelecimentos comerciais. É possível observar que há uma discrepância em relação aos outros bairros ao comparar a renda domiciliar com o número de habitantes deste último bairro onde a IURD se localiza.

Quadro 2 - Bairros da margem direita do distrito sede com a presença da IURD

BAIRRO	POPULAÇÃO	Nº DOMICÍLIOS	Nº COMÉRCIOS	RENDA MÉDIA
Pq. Pecuária	3892	-	-	Até 1 salário mínimo
Pq. Nova Brasília	5317	-	-	Até 1 salário mínimo
Penha	5928	2281	221	Até 1 salário mínimo
Pq. Califórnia	1.411	506	50	2 a 3 salários mínimos
Pq. João Maria	5.517	2.035	214	2 a 3 salários mínimos
Pq. Aurora	3.928	1.963	250	2 a 3 salários mínimos
IPS	2.370	1.110	103	2 a 3 salários mínimos
Centro	10.071	7.104	5.574	4 a 5 salários mínimos
Pq. Dom Bosco	763	627	50	Mais de 5 salários mínimos

Fonte: Perfil dos Bairros, Campos dos Goytacazes; IBGE. Organização: Pamela Casanova Kimmemgs, 2021.

Entre as características iurdianas está o assistencialismo proselitista, que se estende a diversas áreas da ação social. Como estratégia de crescimento, a IURD oferece ajuda social principalmente aos extratos mais pobres da população. São os mais diversos tipos de assistencialismo, como a assistência educacional, assistência médica, campanhas de doações de alimentos, roupas e brinquedos, assistência psicológica aos dependentes químicos, assistência carcerária, dentre inúmeras outras ações que são precárias quando oferecidas pelo Estado ou mesmo inexistentes em alguns bairros. A estratégia garante o estabelecimento de uma rede de sociabilidade e uma relação mais íntima entre o adepto e a igreja. Além do desenvolvimento do sentimento de gratidão.

É possível observar no mapa 2 (Figura 4) que de fato uma das estratégias neopentecostais é a sua instalação em áreas que residem parte da população em situação de vulnerabilidade, devido, principalmente, à atuação assistencialista proselitista da IURD. Porém, para além da sua espacialização no distrito sede do município, a IURD tem como estratégia sua espacialização em áreas localizadas fora da malha urbana densa, conforme o mapa 1 (Figura 3), mas que não deixam de ser áreas de habitação de parte da população em situação de vulnerabilidade.

Nesse sentido, as áreas de maior vulnerabilidade socioespacial se tornaram o *locus* de instalação e expansão neopentecostal na cidade, visto que nessas áreas concentram-se parte da população carente de assistência social, econômica e que são mais atingidos pelas consequências oriundas da sociedade de consumo, logo “as redes evangélicas trabalham em

favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando um aumento de autoestima e impulso empreendedor, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade” (ALMEIDA, 2004, p. 21).

Em Campos dos Goytacazes, o principal templo está situado nas antigas instalações do antigo Theatro-Cinema Orion (Figura 5), numa localização privilegiada e com estrutura ampla, a Catedral Universal de Campos está localizada na Avenida Rui Barbosa, ao lado do Corpo de Bombeiros Militar, numa avenida alargada, à margem direita do Rio Paraíba do Sul, dispendo de *shoppings centers*, bancos, redes de fast food, redes de drogarias, a Receita Federal, além de comércios diversos, maior disponibilidade de transportes públicos e pontos de ônibus. A Catedral pode ser facilmente vista a partir da margem esquerda do rio, visto que sua grande estrutura direcionada para avenida e para o rio chamam a atenção. As estratégias locacionais como o fácil acesso, a grande visibilidade, além de sua infraestrutura localizada numa parte importante da cidade resultam na sua consolidação no espaço urbano, além de simbolizar seu poder religioso, político e econômico.

Figura 5 – Catedral Universal do Reino de Deus em Campos dos Goytacazes, antigo Theatro-Cinema Orion



Fonte: Foto: Pamela Casanova Kimmemgs, 2021.

Evidencia-se a relação dialética entre as materialidades e imaterialidades, seguindo ao encontro ao que Santos (1988) aborda sobre o espaço enquanto “um produto social em permanente processo de transformação” (Ibid. 1988, p. 49), ou seja, para compreendermos a produção e organização do espaço a partir das materialidades e imaterialidades, faz-se necessário compreender as noções de forma, função e estrutura.

Entendendo por sistemas técnicos o conjunto das técnicas que, a cada momento, vem construir a base material da vida das sociedades e representativos da forma como em cada época uma sociedade compartilha o espaço, os sistemas técnicos sucessivos permitem-nos o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios (KAHIL, 2010, p. 478).

Nesse sentido, a compreensão das noções de forma, função e estrutura nos orienta a compreender as mudanças ocorridas na sociedade e, conseqüentemente, as mudanças ocorridas nas funções das materialidades. Com a instauração do sistema normativo neoliberal e inserção de uma religião que se encaixa nos moldes de uma sociedade de consumo, o antigo cinema, enquanto objeto geográfico, assume uma nova função, criando assim uma nova organização espacial. Sendo assim, “o modo de funcionamento da estrutura social atribui determinados valores às formas” (SANTOS, 1988, p. 49).

A mudança da confessionalidade do município ocorreu de forma expressiva a partir dos anos de 1970. A década foi marcada pela instauração do neoliberalismo na América latina, apresentado como uma lógica normativa global.

O espaço urbano capitalista, fragmentado e repleto de desigualdades socioespaciais, engloba as esferas de ações em conjunto com as esferas materiais, isto é, compreende-se o espaço geográfico enquanto um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações – das materialidades e imaterialidades, a tecnoesfera e a psicoesfera (SANTOS, 2006). Nesse sentido, a psicoesfera é inseparável da esfera técnica, o espírito de um dado período (KAHIL, 2010). A tecnoesfera, mesmo com sua autonomia de existência devido à sua materialidade, não possui significação se separado do sistema de ações (Idem., 2010). Por isso a relação é dialética e transforma o espaço geográfico em um híbrido de sistema de objetos e sistemas de ações. As materialidades são, portanto, dotadas de intencionalidades que são realizadas pelas ações. A IURD organiza-se enquanto um sistema de fixos, presentes tanto no centro como na periferia das cidades. Estes fixos formam redes técnicas conectadas em todo o território nacional, através de suas materialidades, por sistemas comunicacionais como os meios radiofônicos, a televisão, o intenso e crescente uso da internet, o desenvolvimento de aplicativos digitais, afim de criar novos espaços de sociabilidades, dentre outros. Todo este processo guiado pela racionalidade do mercado evidencia o

aprofundamento das desigualdades, universalização da pobreza, das doenças, da ignorância, etc... que não podem ser explicadas sem levarmos em conta as evidências da universalização das hegemonias, das oligarquias, de uma racionalidade instrumental ao capital que universaliza uma cultura que ameaça o homem de uma também alienação total (KAHIL, 2010, p. 478).

Nesse sentido, é possível compreender que o espaço urbano organizado conforme os interesses de determinados agentes. A IURD utiliza das mais diversas estratégias, sob a racionalidade neoliberal, a fim de atender os interesses hegemônicos capitalistas. Estes legitimados, também, pelas normatizações.

5. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E A PSICOESFERA NEOLIBERAL

A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo conformam movimentos do meio técnico-científico-informacional. À medida que esse meio geográfico é cristalizado, as formas e as normas respondem à uma normatividade e um sistema de crenças, sentidos e afetos. O neoliberalismo contém os princípios normatizadores que se tornaram hegemônicos nos últimos quarenta anos. Trata-se de uma psicosfera neoliberal amplamente difundida. As religiões, em especial as neopentecostais, são parte desse processo. Em territórios marcados pela hiperprecarização do trabalho, por cidades desiguais, pela falta de acesso à moradia e pela violência criminosa, as igrejas, como a IURD, surgem como um sistema orgânico e controlador das insurgências sociais. Neste contexto, a IURD ganhou relevância e ativismo. Em todo o país, por meio do controle de partidos hoje modela a vida nas cidades e do território nacional propondo e direcionando decisões e decretos, como na situação da Pandemia da Covid-19, analisada em Campos dos Goytacazes.

A problemática relacional das relações de poder não foge aos fatos religiosos (RAFFESTIN, 1993). A religião enquanto “fonte de um poder com um forte componente informacional” (Idem., 1993, p. 126), permite a soma de energias suficientes para a formação de uma rede de resistências, estando na origem das relações dissimétricas dada a racionalidade. Essas relações de poder possuem como trunfos o controle da energia e da informação dos sujeitos, dos espaços e recursos.

As noções religiosas sempre tiveram relação com questões sociais e políticas. Relação esta que gerou a tomada de consciência de virtudes e pecados. Nesse sentido, há uma relação entre o advento do capitalismo e o protestantismo (WEBER, 2013), visto que a religião é um instrumento para comandar mentalidades que favoreçam práticas econômicas. Há uma indiscutível relação dialética entre o neopentecostalismo e o neoliberalismo, este entendido enquanto uma lógica normativa global, isto é, global no sentido de mundo e no sentido global a partir da sua ação totalizadora, com amplo poder de integração de todas as dimensões da existência humana.

Esta lógica normativa, para além de uma ideologia ou de uma política econômica, apresenta tamanha eficiência que orienta governos, empresas e indivíduos de forma inconsciente. Para Dardot e Laval (2016) o neoliberalismo é uma racionalidade que impõe a concorrência como norma de conduta e a empresa como modelo de subjetivação, ou seja, esse sistema normativo compreendido como razão do mundo capitalista contemporâneo que apresenta diversos conjuntos de técnicas capazes de governar os seres humanos a partir do princípio universal da concorrência. Ou seja, uma estratégia global que vai muito além de uma ideologia ou uma política econômica oriunda desta ideologia, o neoliberalismo é um sistema

normativo eficiente que orienta governos, empresas e milhões de pessoas, comanda as políticas públicas, as relações econômicas mundiais, além de modificar a sociedade e modificar a subjetividade (DARTOT E LAVAL, 2016).

A sistema capitalista evidencia o seu caráter contraditório, mas que se adapta ao regime de acumulação e resulta numa “estrutura contraditória paradoxal” (KAHIL, 2010, p. 479). O paradoxal compreendido não só na contradição, mas no regime de contradição, isto é, “regime de certa forma, realizado e legitimado nas formas de organização sócio-espaciais sob os imperativos do capitalismo contemporâneo” (Idem., 2010, p. 479). Institucionalizam, assim, as contradições.

Na perspectiva de análise da religião e espaço nesta pesquisa, entendemos o espaço urbano também como uma dimensão simbólica, que permite a manifestação de tais práticas culturais por grupos e classes sociais. No entanto, tais práticas não são descoladas da realidade material. Há uma dialética entre materialidades e imaterialidades. Rosendahl (1996) aborda o estudo da religião a partir do espaço, pois é uma prática integrante da vida do indivíduo e, também, enquanto fenômeno cultural, a religião acontece espacialmente. O indivíduo, ao buscar uma religião, busca o lugar do sagrado, sendo este sagrado mediado por símbolos ritos e mitos. Assim, a Geografia e religião são práticas sociais. Isto porque as práticas religiosas presentes no espaço marcam as relações econômicas e sociais.

Nesse sentido propomos o uso do par dialético tecnoesfera e psicoesfera (Santos, 2008). Para o autor, a tecnoesfera compõe-se por um sistema de objetos e a psicoesfera faz referência ao sistema de crenças, desejos, esperanças e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos. Ambos são indissociáveis, a separação se faz para fins analíticos. Assim, a instalação e expansão de igrejas neopentecostais materializam concepções religiosas de mundo produzidas a partir das vivências materiais. Ao mesmo tempo, as concepções de mundo difundidas por essas igrejas, fortemente presentes nas periferias urbanas, organizam e modificam o espaço urbano.

O período técnico-científico-informacional transformou o lugar em mundial, isto é, o lugar é repositório das racionalidades globais e, emissor dessas racionalidades, em um movimento dialético incessante. Para Santos (2008), é através da tecnoesfera e psicoesfera que o meio técnico-científico-informacional introduz a racionalidade nos indivíduos. As relações passam a ser mediadas pelos objetos, pela técnica e a psicoesfera atua na criação de uma racionalidade, ou seja, produz o modo de ser e estar no mundo, um ideal da modernidade. O comando das ações é ditado pela informação, favorecendo os interesses das corporações empresariais e financeiras. A informação sugere comportamento e sugere consumo, sugere como se portar nas relações mercadológicas. Segundo Santos (2019), a informação reflete na organização do espaço. A utilização da mídia, uma das formas de disseminar e comandar as

ações, por estas igrejas tem por objetivo alcançar um número maior de convertidos, além de disseminar seu discurso sobre o que é necessário para alcançar uma vida com êxito, conquistas materiais e, conseqüentemente, o bem-estar mundano.

A modernidade religiosa possui como principal elemento constitutivo a secularização do Estado em seu ordenamento jurídico, não se tratando de uma secularização da vida, afim de “preservar e ampliar as liberdades civis e políticas [...] na observância universalizada de leis revisáveis porque não mais divinamente reveladas” (PIERUCCI, 2008, p. 12). No Brasil, o *disestablishment*⁶ abriu caminhos para as bases jurídico-políticas estabelecerem um processo civilizador. De forma progressiva, foram sendo estabelecidos limites na relação Estado e Religião, isto é,

a paulatina desregulação jurídico-estatal da vida religiosa, vale dizer, a diminuição dos controles legais e governamentais sobre as confissões religiosas, a abolição de toda e qualquer reserva de mercado religioso, em poucas palavras, a liberalização geral da economia das crenças religiosas (PIERUCCI, 2008, p. 13).

Nessa direção, abre-se caminho para um mercado concorrencial desregulado com números cada vez maiores de empresas religiosas, resultado do *efeito modernizador* “que mascara e falsifica, seleciona e exclui” (PEREIRA, 2006, p. 66).

As igrejas neopentecostais, enquanto instituições e agentes modeladores do espaço, têm por objetivo angariar cada vez mais adeptos com estratégias que visam aumentar seu raio de influência na sociedade, sendo o espaço parte desse processo. O sucesso das igrejas neopentecostais se dá a partir dos anseios de uma sociedade capitalista, fruto da modernidade. O movimento neopentecostal difundiu um sistema de crença que se infiltrou nas camadas mais pobres da sociedade, o que fez acontecer o fenômeno de crescimento das igrejas pentecostais, principalmente entre os anos 1980 e 1990. Para permitir o crescimento do neopentecostalismo, a pobreza e a riqueza necessitam estar lado a lado. A riqueza enquanto um modelo de vida. A pobreza enquanto um lugar (temporário) daqueles que almejam alcançar os padrões de riquezas difundidos pela mídia, havendo assim uma relação orgânica entre a expansão do neoliberalismo e as novas denominações religiosas (SILVA, 2019). No Brasil, país que possui alta concentração de renda, o cenário é favorável para o neopentecostalismo. A IURD utiliza estratégias para formar mentalidade conforme seus interesses e doutrina. Santos e Silveira (2002) falam que o crescimento religioso nas cidades abre espaço para o que eles chamaram de consumo de esperanças, na medida em há “um uso maior do espaço público das cidades e uma concentração de pessoas com forte vocação para o consumo não apenas espiritual, mas também de objetos religiosos, de música, livros e revistas, televisão e rádio” (Idem., p. 237).

Junto ao consumo de esperanças, cresce o consumo de informação. O meio radiofônico

⁶ Segundo Pierucci (2008) *disestablishment* é a deposição da religião da esfera política, sendo um dos pilares da modernidade religiosa e da liberdade religiosa.

foi, segundo Santos e Silveira (2002), o pioneiro na difusão de informação no território, apresentando um crescimento de 711 emissoras em 1977 para 2.986 em 1999. Nesse sentido, “com a presença maciça tanto na cidade como no campo, o rádio mostra-se bem eficiente no seu papel de transmissor de informação e de elo de comunicação. Mais de 70% de todos os domicílios – urbanos e rurais – do Brasil possuíam, em 1995, um aparelho de rádio” (Idem., 2002, p. 241). Em 2015 o aparelho estava presente em 69,2% dos domicílios brasileiros, conforme a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – PNAD (IBGE, 2015), ocorrendo uma queda, visto que com a internet e aparelhos celulares, o meio radiofônico passa a ser considerado como um objeto ultrapassado. Porém é um objeto de baixo custo comparado a aparelhos de televisão e celulares.

No pensamento geográfico podemos pensar a partir da psicosfera (SANTOS, 2008), no qual a racionalidade imposta molda os adeptos a ponto de estes exercerem a auto doutrinação. A informação, carregada de intencionalidade, e elemento constitutivo do meio técnico-científico-informacional, constitui a racionalidade. As igrejas neopentecostais, enquanto um sistema técnico, possui seu conteúdo em informação e conduz a racionalidade a práticas neoliberais. Deste modo, há uma articulação entre neoliberalismo e a teologia dominante das igrejas neopentecostais, especialmente a IURD.

A psicosfera neoliberal iurdiana é formada, principalmente, através da difusão da Teologia da Prosperidade, alcançando fiéis (clientes!) carentes, sofredores e marginalizados, com renda e escolaridade inferiores às da população. Aos que procuram a igreja em busca de assistência e soluções rápidas, há um tratamento excepcional, já que são prováveis adeptos a igreja. Mas, o assistencialismo proselitista é destinado principalmente aos que ainda não fazem parte da igreja. Os convertidos são encaminhados para correntes de orações e, ao contribuírem com o dízimo, recebem os serviços religiosos, inclusive conselho de seus pastores e incentivo ao empreendedorismo.

Nesse sentido, a IURD incentiva seus adeptos a deixarem de serem empregados assalariados. Em vez disso, são incentivados a iniciarem seu próprio negócio, serem seus próprios patrões, pois a combinação da fé, do trabalho e dos dízimos resultam em grandes bênçãos divinas. As instituições paraeclesiais empresariais possuem papel fundamental nesse processo, pois incentivam eventos para empresários e possíveis empresários.

A racionalidade neopentecostal é constituída através do discurso e do incentivo à competição entre os indivíduos, ao consumismo como forma de vida ideal, ao sucesso individual – que tem como orientação o empreendedorismo – à oferta do dinheiro para alcançar as bênçãos divinas e assim acabar com os problemas pessoais/cotidianos, enfim, uma racionalidade que torna o indivíduo em uma empresa. As igrejas neopentecostais, através de suas intencionalidades, buscam na racionalidade do espaço, localizações estratégicas ou ações

que possibilitam condições de maior lucro e também alienação, pois permitem a expansão das igrejas, discursos e negócios condizentes com suas doutrinas espirituais e terrenas afeitas ao capitalismo hiper explorador do trabalhador e não questionador das desigualdades e da acumulação.

Há uma adaptação das novas religiões a cidade moderna. Segundo o pensamento weberiano (2013), a religião condiciona a economia. Jacques Ellul (1975), traz a análise dos objetos, das relações e dos indivíduos que, por razões técnicas, tornaram-se função e objeto da economia, mediados pela técnica. Essa relação indissolúvel constituída pelo fenômeno técnico permitiu que a racionalidade econômica se infiltrasse em todas as atividades sociais, isto é, através do conjunto de técnicas econômicas as necessidades humanas, os meios de produção, as instituições, comportamentos são transformados e controlados pela racionalidade técnica sob a égide do mercado. Segundo Milton Santos (2008), o espaço está se tornando um sistema de objetos e ações cada vez mais artificiais, recriando os objetos dando função e conteúdos diferentes. Cria-se a lógica da mercadoria, que media as relações sociais e torna os sujeitos em homem econômico, como afirmou Ellul (1975). Nesse sentido, o que passa a fazer sentido de ideal de vida para o indivíduo é o consumo, isto é, o consumo compreendido como bem-estar.

Com a mundialização e internacionalização das crenças, desejos, hábitos e comportamentos, emerge a sociedade mundial. O processo resulta de forma latente na perda da identidade dos sujeitos, visto que as relações sociais se mundializam e os lugares “são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles” (KAHIL, 1997, p. 218). É a partir da produção dessa racionalidade que coordena as ações dos sujeitos que o sistema técnico-científico-informacional se complementa. A instrumentalização das relações sucede em cidadãos desresponsabilizados, indivíduos despersonalizados, “resulta um espaço reificado (coisificado), obra da standardização e padrões estereotipados de valores e normas de ação com vista ao êxito, cujos interesses particulares se escondem em um espaço carregado de signos e valores hegemônicos” (KAHIL, 1997, p. 219).

A mudança no espaço urbano através de uma racionalidade iurdiana neoliberal reflete na esfera pública de poder, já que “as religiões penetram ou penetraram em todas as manifestações da vida cotidiana, quer sejam culturais, sociais, políticas ou econômicas” (RAFFESTIN, 1993, p. 127), resultando no crescimento de evangélicos em espaços institucionais como Câmara dos Deputados, no Executivo, além de alto crescimento da bancada evangélica no Senado brasileiro (Tabela 5).

Tabela 4 – Frente Parlamentar Evangélica no Congresso e no Senado Brasileiro nas legislaturas de 2014 e 2018

ANO	DEPUTADOS	SENADORES
2014	198	4
2018	195	8

Fonte: Frentes Parlamentares - Câmara dos Deputados. Organização: Pamela Casanova Kimmemgs, 2021.

Em Campos dos Goytacazes, a participação de líderes e representantes evangélicos na Câmara dos Vereadores é constante. Na legislatura municipal 2017/2020 (Quadro 3), a IURD teve como seu representante o líder religioso Pastor Vanderley Miguel Martins de Mello, que esteve como vereador entre 2017 e 2020. O pastor é filiado ao Republicanos, partido político ligado à IURD e que, atualmente, tem a cadeira da presidência do partido ocupada pelo então bispo Marcos Pereira.

Quadro 3 – Campos dos Goytacazes: Legislatura municipal 2017/2020

VEREADOR(A)	PARTIDO
Marcus Welber Gomes da Silva (Marcão)	Rede Sustentabilidade (REDE)
Pastor Vanderly Miguel Martins de Mello	Republicanos
Jorge Ribeiro Rangel	Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)
Thiago Ferrugem	Partido Liberal (PL)
Dr. Abdu Neme	Partido Liberal (PL)
Igor Pereira	Partido Socialista Brasileiro (PSB)
Enock Amaral	Partido Humanista da Solidariedade (PHS)
Kellenson Ayres (Kellino)	Partido Liberal (PL)
Jorge Santana de Azeredo (Magal)	Partido Trabalhista Cristão (PTC)
Francisco Carlos Azevedo (Abu)	Cidadania
Ozeias Azeredo Martins	Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)
José Carlos Gonçalves	Democracia Cristã (DC)
Álvaro César Gomes Faria	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB)
Roberto Pinto	Partido Trabalhista Cristão (PTC)
Maria Cecília Gomes	Avante
Marcelo Perfil	Partido Humanista da Solidariedade (PHS)
Vinícius Madureira	Partido Republicano Progressista (PRP)
Cláudio Andrade	Democracia Cristã (DC)
Silvio Martins (Silvinho)	Partido Republicano Progressista (PRP)
Linda Mara	Partido Trabalhista Cristão (PTC)
Miguel Ribeiro (Miguelito)	Partido Social Liberal (PSL)
Frederico Machado (Fred Machado)	Cidadania
Jorge William Virgílio (Jorginho Virgílio)	Partido Republicano Progressista (PRP)
Paulo Cesar Genásio	Partido Social Cristão (PSC)

Fonte: Legislatura 2017/2020 - Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes/RJ, organização: Pamela Casanova Kimmemgs, 2021.

As eleições municipais ocorridas em 2020 evidenciam o crescimento e a constituição das relações de poder da IURD. Das 25 cadeiras da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes, 3 delas estão sendo ocupadas por líderes religiosos, sendo dois pastores da Igreja Assembleia de Deus e um pastor da IURD. O pastor da IURD Anderson de Matos, do partido Republicanos, foi o segundo vereador mais votado no município, obtendo 4.905 votos (Quadro 4).

Quadro 4 – Campos dos Goytacazes: Legislatura municipal 2021/2024

VEREADOR(A)	PARTIDO
Alvaro Henrique de Souza Oliveira	Partido Social Democrata (PSD)
Anderson de Matos	Republicanos
Bruno Pezão	Partido Liberal (PL)
Bruno Vianna	Partido Social Liberal (PSL)
Carlos Alberto Guimarães* (ocupou cadeira do Igor)	Solidariedade
Anderson Rangel Borges (Dandinho do Rio Preto)	Partido Social Democrata (PSD)
Diego Dias	Podemos (PODE)
Dr Abdu Neme	Avante
Fabio Ribeiro	Partido Social Democrata (PSD)
Frederico Machado	Solidariedade
Helinho Nahim	Partido Trabalhista Cristão (PTC)
Igor Gomes de Azevedo	Solidariedade
Neilton Virgílio de Souza Junior (Juninho Virgílio)	Partido Republicano da Ordem Social (PROS)
Kassiano Tavares	Partido Social Democrata (PSD)
Leon Gomes	Partido Democrático Trabalhista (PDT)
Luciano Rio Lu	Partido Democrático Trabalhista (PDT)
Maicon Cruz	Partido Social Cristão (PSC)
Marcione Da Costa Faquer (Marcione da Farmácia)	Democratas (DEM)
Marquinho Bacellar	Solidariedade
Marcos Alcides Souza (Marquinho do Transporte)	Partido Democrático Trabalhista (PDT)
Nildo Cardoso	Partido Social Democrata (PSD)
Pastor Marcos Elias	Partido Social Cristão (PSC)
Rogério Matoso	Democratas (DEM)
Silvio Roberto De Oliveira Martins	Movimento Democrático Brasileiro (MDB)
Thiago Rangel	Partido Republicano da Ordem Social (PROS)
Raphael Thuin	Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)

Fonte: Legislatura 2021/2024 - Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes/RJ, organização: Pamela Casanova Kimmemgs, 2021.

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-COV-2) que, após sua disseminação, alterou a dinâmica do mundo contemporâneo, pois as medidas de enfrentamento a pandemia incluem o distanciamento social, o uso de máscaras e a instituição de medidas de *lockdown*, resultando numa mudança de comportamento das sociedades. As interações globais constituídas pelas sociedades urbanas (LEFREBVRE, 2002) baseadas no processo de globalização sofreram com o choque de imposições de normatizações que resultam na produção de novos hábitos, comportamentos e novas formas de sociabilidades urbanas, pois

O urbano, entendido como um produto sócio-espacial, possui uma força aglutinadora, como podemos observar em relação ao processo de industrialização e urbanização. O urbano aglutina pessoas, capital, instituições financeiras, indústrias, comércio, meios de produção, casas, portos, museus, centros administrativos, órgãos do Estado, empresas, sindicatos, etc. O urbano concentra as instituições políticas, econômicas e culturais que se colocam como hegemônicas na sua relação com outros grupos/classes sociais (trabalhadores, camponeses, oligarquias rurais, pobres urbanos, etc.); é o lugar dos centros de decisões, de onde parte o controle da produção, as decisões políticas, de produção de subjetividade (produção de desejos, necessidades e símbolos hegemônicos), produção de modas e culturas de massa. Ao mesmo tempo o urbano é o lugar do encontro entre as pessoas, encontro das diferenças, das festas, das culturas populares, das práticas de resistência ao poder hegemônico que se dá nos corpos, no tempo e no espaço. Enfim, o espaço urbano é uma multiplicidade de sujeitos, instituições e práticas que se relacionam, entram em tensão, em conflito e também produzem novas práticas e relações entre as pessoas (RAMOS, 2003, p. 17).

Há uma mudança brusca nas sociabilidades urbanas estabelecidas a partir das medidas de distanciamento social, “estas dizem respeito às interações recíprocas entre os indivíduos, uma rede empírica de relações humanas operativas em um dado tempo e espaço, e formas abstratas relacionais das quais os indivíduos fazem parte, formando a sociedade” (SILVA, Silvana *et al.*, 2021, p. 39).

Compreende-se o atual período como meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006), no qual, a formação socioespacial brasileira aqui compreendida como periférica, exhibe profunda desigualdade social, principalmente no que diz respeito às cidades, visto que são pautadas na segregação socioespacial, expõem a extrema desigualdade e pobreza urbanas. O meio técnico-científico-informacional é um condicionante para a pandemia, pois a psicosfera e tecnoesfera desse meio geográfico, transformam as sociabilidades urbanas. Conforme Silva, Silvana *et al.* (2021), para além de uma análise biológica sobre a pandemia do novo coronavírus, é necessária uma análise histórica e geográfica pois, há a interação de elementos sinérgicos que contribuem ou não para a disseminação do vírus, constituindo assim uma sindemia global, isto é, “vários níveis sinérgicos (biológicos, psicossociais, socioeconômicos etc.) e epidêmicos se encontram e potencializam o contágio, bem como amplificam a letalidade pela Covid-19 em determinados grupos e classes sociais e lugares” (Ibid., 2021, p. 32). Dentre os elementos sinérgicos, está o par dialético constituído pela tecnoesfera e psicosfera. O espaço urbano, com suas materialidades e imaterialidades, aponta para o atual período, este regido por uma psicosfera neoliberal. Nesse sentido, o atual período se apresenta como o meio ideal para o desenvolvimento da pandemia, visto que, principalmente a partir da psicosfera neoliberal, a privatização dos sistemas únicos de saúde, dos espaços urbanos, o modo de vida são fatores que contribuem para a amplificação da pandemia. O meio técnico-científico-informacional permitiu a rápida circulação dos fluxos de pessoas, objetos e permitiu também o rápido fluxo de doenças. Nesse sentido, as cidades globais foram potencialmente as principais disseminadoras do vírus.

Pode-se dizer que a pandemia agravou profundamente os problemas oriundos de sociedades urbanas globalizadas que são concretizados no espaço urbano, como a desigual distribuição de objetos técnicos coletivos de saúde. Segundo Santos e Silveira (2002), há os espaços luminosos e os espaços opacos. O primeiro consiste em apresentar maiores densidades técnicas e informacionais. Na medida em que acumulam estas densidades, atraem mais capital, tecnologia e organização. Já os espaços opacos são aqueles ausentes dessas densidades. Sendo assim, “os espaços luminosos, pela sua consistência técnica e política, seriam os mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas” (SANTOS E SILVEIRA, 2002, p. 264). Os espaços luminosos e os espaços opacos evidenciam a hierarquia das cidades.

O agravamento dos problemas sociais a partir da pandemia reflete também de forma profunda nas relações de trabalho, que são interrompidas e geram consequências, principalmente em Campos que

repisa há séculos um histórico dos grandes flagelos que definem a história do Brasil, que vão da intensa desigualdade social e racial, até um histórico de clientelismo político e assistencialismo marcado por corrupção endêmica, a probabilidade de que a pandemia seja mais cruel para os pobres já figura como um temor, assim como nas grandes metrópoles do país (RAMOS, 2020, p. 7).

Junto aos problemas oriundos de sociedades urbanas que agravam a pandemia, há a produção de discursos e práticas negacionistas sobre a pandemia proferidos por líderes políticos, religiosos e influenciadores digitais financiados. Para legitimar suas práticas e discursos utilizam das normatizações, favorecendo seus interesses. Além de promover discursos contra medidas de isolamento social e prevenção do vírus, o governo brasileiro propôs o Projeto de Lei 628/21, que define o funcionamento de igrejas como atividade essencial. O projeto foi protocolado pelo deputado federal Eduardo da Fonte, filiado ao Partido Progressistas, porém o projeto chegou ao deputado por meio do deputado estadual Pastor Cleiton Collins, líder religioso da Igreja Assembleia de Deus e filiado ao Partido Progressistas, e pela vereadora do Recife Missionária Michele Collins, também ligada à Igreja Assembleia de Deus e filiada ao Partido Progressistas. Todos os políticos acima são do estado do Pernambuco. O projeto que ainda tramita na câmara dos deputados abriu brecha para que políticos dos estados e municípios apresentassem o projeto em suas casas legislativas.

Segundo notícia publicada no jornal Estadão, no dia 11 de abril de 2021⁷, o que ocorre é a atuação do lobby religioso para que não haja o fechamento dos templos, visto que as receitas ficaram limitadas (VALFRÉ, 2021). Segundo pesquisa Brasil Giving Report (2020), realizada pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) antes da pandemia, o

⁷ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dizimo-alimenta-lobby-por-abertura-de-templos-na-pandemia,70003677589>. Acesso em: 20 de abr. 2021.

apoio a organizações religiosas é a causa mais popular de doações no Brasil. As contribuições de adeptos a denominações religiosas chegam ao valor de 15 bilhões de reais, equivalente a 65% do total de arrecadações das entidades, segundo dados da Receita federal de 2018. Com a pandemia, os líderes religiosos falam de uma queda de 5 a 40% nas receitas.

No dia 23 de fevereiro de 2021 ocorreu a primeira sessão ordinária do ano da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes. Dentre os projetos de lei aprovados, estava o Projeto de Lei nº 0003/2021 (Quadro 5), tendo como autor da lei o vereador Anderson de Matos, do partido Republicanos e vinculado a IURD. De acordo com sua assessoria em entrevista concedida ao Jornal Terceira Via (2021), o projeto de lei tem como objetivo defender a liberdade religiosa e de culto. Segundo o vereador⁸, “a aprovação do projeto de Lei deriva da atuação legislativa de um mandato conferido principalmente por pessoas adeptas do cristianismo, como também de outras religiões, e de diferentes graus de fé e crenças”. O projeto reconhece como essenciais todas as atividades religiosas e o livre exercício de culto mesmo em circunstâncias pandêmicas, como a qual estamos vivenciando atualmente causada pela COVID-19.

O Projeto obteve 13 votos a favor, 2 votos contra, 7 abstenções e 2 ausências, números expressivos e significativos (Tabela 6). Cabe ressaltar que dos 25 vereadores eleitos nas eleições de 2020, não há nenhum filiado a partidos de orientação à esquerda (Quadro 4), o que nos levou a refletir sobre o forte conservadorismo presente na atual legislatura no município.

Tabela 5 – Relação de votos do Projeto de Lei 0003/21

VOTOS FAVORÁVEIS	VOTOS DESFAVORÁVEIS	ABSTENÇÕES	AUSÊNCIAS
13	2	7	2

Fonte: Câmara dos Vereadores, organização: Pamela Casanova Kimmemgs, 2021.

A partir do projeto, o prefeito da cidade Wladimir Garotinho, filiado ao Partido Social Democrático (PSD), decretou a Lei nº 9.032, publicada no Diário Oficial Municipal no dia 16 de março de 2021. Segundo entrevista dada ao Jornal Terceira Via, o prefeito afirmou que funcionamento das igrejas é de suma importância para orientação dos fiéis, assim como para pregar o evangelho e confortar a alma. Pesquisadores, em entrevista para o mesmo jornal, criticam a ação e apontam que as arrecadações das igrejas apresentaram queda no período de pandemia, sendo a lei uma resposta a este problema.

Como apresentado no quadro 5, se deu início às medidas de enfrentamento ao novo coronavírus no município de campos dos Goytacazes em março de 2020, logo após a OMS (Organização Mundial da Saúde) ter decretado a pandemia. Foi um período em que a cidade literalmente parou, sem circulação de pessoas e veículos. Dois meses depois foi instituído o

⁸ Disponível em: <https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/02/23/lei-municipal-que-permite-cultos-durante-pandemia-e-situacoes-de-catastrofe-e-aprovada-em-campos/>. Acesso: 18 de mar. 2021.

plano “Campos Daqui Para Frente”, com medidas de transição para a retomada das atividades econômicas e sociais. A regressão ou avanço da transição dependiam do número de leitos ocupados no município, ou seja, conforme diminuía o número de leitos ocupados, o município avançava para um novo nível de retomada das atividades econômicas e sociais. As atividades religiosas eram permitidas a partir do nível 3, com capacidade de ocupação de 30% do seu espaço total. A medida em que o município avançara para o nível 2, as atividades religiosas passam a ser permitidas com 50% da lotação máxima, sendo o nível 1 mantida as orientações do nível 2. As igrejas então retornam às atividades a partir do dia 01 de julho de 2020, após a prefeitura decretar, pela primeira vez, a mudança para o nível 3 (Decreto Nº 152/2020 – Quadro 5).

No primeiro dia de governo do prefeito Wladimir Garotinho (Partido Social Democrático), eleito nas eleições municipais de 2020, foi instituído o Gabinete de Crise (Nº 002/2021 – Quadro 5), cabendo ao gabinete todas as tomadas de decisões para o enfrentamento a pandemia. O gabinete é composto por: Gabinete do Prefeito e Vice-Prefeito; Secretário Municipal de Saúde ou representante; Secretário Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia; Secretário Municipal de Obras e Infraestrutura e Habitação ou representante; Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima ou representante; Procurador Geral do Município ou representante; Secretário Municipal de Governo e Comunicação Social ou representante. Ainda no mês de janeiro de 2021, o Gabinete de Crise institui o protocolo “Regras da Vida” que apresenta orientações de medidas de prevenção específicas para cada tipo de atividades econômicas e sociais. Dentre as orientações presentes no protocolo, há uma parte destinada às atividades religiosas.

No dia 10 de março de 2021 a cidade se encontrava no nível 3 – fase amarela, porém o número de leitos ocupados continuava aumentando. O projeto de Lei nº 0003/2021, aprovado na primeira sessão da Câmara no ano de 2021, foi publicada enquanto lei no dia 16 de março, decretada pelo então prefeito Wladimir Garotinho. A Lei nº 9.032 considera como essenciais todas as atividades religiosas, bem como o livre exercício de culto mesmo que em situações de calamidade pública, de emergência, de epidemia ou de pandemia. A lei garante que o funcionamento de atividades religiosas continue mesmo que seja decretado *lockdown* em função da pandemia da COVID-19. Dez dias depois do decreto de lei ser publicado, a cidade entrou para o nível 5 – fase vermelha, que aponta situação gravíssima em relação ao número de contaminados e leitos ocupados e estabelece o *lockdown*. Foi o primeiro momento de mudança de fase em que a igreja continuou seu funcionamento mesmo que em *lockdown*, com 20% de sua capacidade máxima.

No dia 29 de março de 2021 foi instituído Grupo de Trabalho Extraordinário para averiguar se as igrejas e templos religiosos de todas as confissões estão cumprindo todas as

medidas sanitárias, conforme o protocolo Regras da Vida, para seu devido funcionamento durante a pandemia da COVID-19, no âmbito do Município de Campos dos Goytacazes. O GT foi composto pelo coordenador Vereador Woluston Gomes Celestino (Leon Gomes) e pelos seguintes vereadores: Vereador Marcos Elias Escafura da Silva, Pastor Marcos Elias da Igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira no Parque Cidade Luz e o Vereador Kassiano José Tavares de Souza (Kassiano Tavares).

No dia 9 de abril, ainda mantida o nível 5, a igreja passou a ocupar 25% de sua capacidade total, ocorrendo um aumento de 5% mesmo que na fase vermelha. Com o retorno para o nível 4 em 10 de março, as atividades religiosas passaram a ocupar 30% de sua capacidade total.

Quadro 5 – Publicações no Diário Oficial de regulações referentes às igrejas no período da COVID-19

DECRETO/LEI – DATA DA PUBLICAÇÃO	DISPOSIÇÃO	SÍNTESE
Nº 021/2020 - 13/03/2020	DISPÕE SOBRE AS MEDIDAS PARA ENFRENTAMENTO DA EMERGÊNCIA DE SAÚDE PÚBLICA DE IMPORTÂNCIA INTERNACIONAL DECORRENTE DO CORONAVÍRUS, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.	O presente Decreto dispõe sobre as medidas que poderão ser adotadas, no âmbito da Administração Pública do Município de Campos dos Goytacazes, para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus. Neste período as igrejas permaneceram totalmente fechadas.
Nº 118/2020 - 01/06/2020	INSTITUI O PLANO DE RETOMADA DE ATIVIDADES ECONÔMICAS E SOCIAIS – CAMPOS DAQUI PARA FRENTE, PREVENDO A TRANSIÇÃO GRADUAL DAS MEDIDAS DE ISOLAMENTO SOCIAL, COMO MEIO DE COMBATE À DISSEMINAÇÃO DO CORONAVÍRUS (COVID-19).	Adoção de 5 níveis de transição, entre as quais haverá a previsão das atividades econômicas que serão restringidas ou liberadas, além de normas específicas para cada atividade. Nível 1 – fase branca (situação de atenção); Nível 2 – fase verde (atenção moderada); Nível 3 – fase amarela (atenção máxima); Nível 4 – fase laranja (situação grave, lockdown parcial); Nível 5 – fase vermelha (situação gravíssima, lockdown total). Liberação de eventos religiosos: Nível 3 – funcionamento até as 23 horas; 30% da capacidade; Nível 2 – 50% da capacidade; Nível 1 – mantidas as determinações de nível 2, contemplando a ausência de restrições de maneira generalizada.
Nº 152/2020 - 27/06/2020	DISPÕE SOBRE O NÍVEL E A FASE SEMANAL.	Estabelece nível 3 – fase amarela. Liberação de eventos religiosos: funcionamento até as 23 horas; 30% da capacidade.
Nº 002/2021 - 01/01/2021	INSTITUI O GABINETE DE CRISE COVID-19 PARA O EXERCÍCIO 2021 E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.	Criação do Gabinete de Crise na Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes.

Nº 026/2021 18/01/2021	-	DISPÕE SOBRE O NÍVEL E A FASE SEMANAL.	Estabelece o nível 4 – fase laranja, indicando situação grave. Dentre as atividades econômicas e sociais suspensas, está o funcionamento de igrejas com atividades presenciais.
Nº 027/2021 22/01/2021	-	INSTITUI NO ÂMBITO DO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO E VIGILÂNCIA SANITÁRIA O PROTOCOLO “REGRAS DA VIDA” E AS MEDIDAS DE PREVENÇÃO ESPECÍFICAS PARA A RETOMADA E/OU A MANUTENÇÃO DO FUNCIONAMENTO DOS ESTABELECIMENTOS E ATIVIDADES. DETERMINA SANÇÕES ADMINISTRATIVAS PARA OS CASOS DE DESCUMPRIMENTO DAS REGRAS PREVISTAS.	Incluem orientações gerais previstas em “Regras para a Vida” para atividades religiosas. Resumo das orientações gerais: Controle de acesso na entrada; distanciamento de, no mínimo 2 metros; assentos alternados; uso obrigatório de máscaras; sinalizações e marcações no chão para sinalizar o distanciamento; atendimentos individuais com horários agendados; Disposição de álcool 70% na entrada e em locais de maior circulação; áreas ventiladas; proibição do uso de bebedouros; controle de acesso aos sanitários; higienização constante de objetos.
Nº 074/2021 10/03/2021	-	DISPÕE SOBRE O NÍVEL E A FASE SEMANAL.	Mantida a situação municipal para o nível 3 – fase amarela.
Lei nº 9.032 16/03/2021	-	Ficam reconhecidas como essenciais todas as atividades religiosas em tempos de crises ocasionadas por moléstias contagiosas ou catástrofes naturais, bem como o livre exercício de culto, ainda que em situações de calamidade pública, de emergência, de epidemia ou de pandemia.	Atividades religiosas são tornadas como essenciais, assegurando aos fiéis o livre exercício do culto, mesmo que em condições de calamidade pública e emergência. O funcionamento de atividades religiosas continua mesmo que seja decretado <i>lockdown</i> em função da pandemia da COVID-19.
Nº 105/2021 26/03/2021	-	DISPÕE SOBRE O NÍVEL E A FASE SEMANAL	Estabelece o nível 5 – fase vermelha (<i>lockdown</i> total). Permissão de realização de atividades religiosas, com lotação máxima de 20% da capacidade total.
ATO EXECUTIVO Nº 0039/2021 29/03/2021	-	Instituição de Grupo de Trabalho Extraordinário, em caráter temporário, para averiguar se às igrejas e templos religiosos de todas as confissões estão cumprindo todas as medidas sanitárias para seu devido funcionamento durante a pandemia da COVID-19, no âmbito do Município de Campos dos Goytacazes	O GT fica responsável por supervisionar templos e igrejas, averiguando o cumprimento de medidas sanitárias durante a pandemia da COVID-19. coordenado pelo Vereador Woluston Gomes Celestino (Leon Gomes) e, será composto pelos seguintes Vereadores: I - Vereador Marcos Elias Escafura da Silva (Pastor Marcos Elias); II - Vereador Kassiano José Tavares de Souza (Kassiano Tavares).

Nº 113/2021 05/04/2021	-	DISPÕE SOBRE O NÍVEL E A FASE SEMANAL -	Mantida o nível 5 – fase vermelha.
Nº 121/2021 09/04/2021	-	DISPÕE SOBRE O NÍVEL E A FASE SEMANAL	Mantida o nível 5 – fase vermelha. Permissão de realização de atividades religiosas, com lotação máxima de 25% da capacidade total.
Nº 138/2021 23/04/2021	-	DISPÕE SOBRE O NÍVEL E A FASE SEMANAL	Mantida o nível 5 – fase vermelha. Permissão de realização de atividades religiosas, com lotação máxima de 25% da capacidade total.
Nº 159/2021 10/05/2021	-	DISPÕE SOBRE O NÍVEL E A FASE SEMANAL	Estabelece o nível 4 – fase laranja. Permissão de realização de atividades religiosas, com máxima de 30% da capacidade total.

Fonte: Diário Oficial Municipal. Organização: Pamela Casanova Kimmemgs, 2021.

A normatização do funcionamento da IURD mesmo que em períodos de calamidade pública evidencia que a engrenagem do mercado religioso não pode parar. Santos (1993, p. 19) afirma que “a dimensão mundial é o mercado. A dimensão mundial são as organizações ditas mundiais: instituições supranacionais, organizações internacionais, universidades mundiais, igrejas dissolventes, o mundo como fábrica de engano”. Nesse sentido, observa-se que as igrejas são mecanismos de poder, que utilizam da religião e da fé conforme suas intencionalidades.

Pierucci (2008) fala que todo o processo histórico-religioso que o Brasil vivenciou, principalmente a partir da história republicana, desencadeou ao processo de desregulação religiosa, com um amplo mercado religioso desmonopolizado e com ampla concorrência entre os produtores e distribuidores religiosos. Há então a legitimação da competição religiosa, além

da tomada de consciência de que essa nova etapa concorrencial requer a dinamização racionalizada, tecnicamente falando, da oferta dos bens de salvação que os profissionais religiosos recriam e cada vez mais "copiam" uns dos outros, e cuja a distribuição, também tecnicamente racionalizada, eles administram sempre de olho na resposta concorrencial dos adversários religiosos que se multiplicam(PIERUCCI, 2008, p. 14).

Vale ressaltar que a grande maioria dos adeptos a religiões neopentecostais fazem parte de uma parcela mais pobre da população. Estas pessoas possuem pouco ou quase nenhum acesso a serviços comuns como acesso a hospitais. O funcionamento das igrejas em períodos de crise sanitária resulta no agravamento da pandemia, na qual afeta principalmente extratos mais pobres da sociedade. Estes que, muitas das vezes, dependem da disposição de objetos técnicos de saúde coletiva como hospitais, postos, profissionais capacitados, dentre outros. Assim, observamos o reflexo do neoliberalismo na contribuição para aprofundamento da crise sanitária.

A psicosfera é uma sinergia geográfica que compõe a pandemia, visto que orienta comportamentos e as diversas sociabilidades presentes no espaço geográfico. Segundo Silva, Silvana *et al.* (2021, p. 40)

A psicosfera é elemento central para o combate à pandemia. Se as pessoas foram convencidas de que não há o que ser feito e não tomam providências com relação aos gestos de barreira, os sistemas técnicos mais avançados de atendimento não serão suficientes. Por isso, a camada psicossocial faz parte da construção do meio geográfico, cujas cidades são as sínteses do nosso modo de vida no atual período.

O meio geográfico é constituído pelos sistemas de objetos naturais e artificiais e pelo sistema de ações, ambos indissociáveis. O sistema de ações corresponde às normas, moral, visões de mundo e da política. Todo este processo é orientado pelo capital a partir de um sistema consciente e racionalizado combinado ao domínio da psique coletiva. A partir da análise geográfica, o sistema psíquico é compreendido pela psicosfera, como proposto por Santos, isto

é, “a psicoesfera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (SANTOS, 2006, p. 172).

a psicoesfera fabricou ações que vêm tornando a pandemia difícil de ser combatida no Brasil. Logo, os sistemas de crenças, afetos e vontades são elementos sinérgicos inescapáveis para compreensão da difusão do coronavírus. Por sua vez, o meio geográfico contém fatores sinérgicos que podem se manifestar em vários níveis e compor a sindemia global da Covid-19, e as camadas das sociabilidades conectam-se com a tecnoesfera e a psicoesfera – esta última é diretiva dos comportamentos. Portanto, o controle da pandemia passa pela construção de uma nova ordem societária que supere a psicoesfera neoliberal e os negacionismos (SILVA et al., 2021, p. 44).

O funcionamento das igrejas em períodos de crise evidencia o poder de influência e organização do espaço urbano a partir das normatizações, estas carregadas de informação e que cristalizam as ações:

Esse crescente consumo de informação que participa do alastramento de uma psicoesfera modernizadora, impondo racionalidades mas também despertando ou fabricando um imaginário. Ambas, tecnoesfera e psicoesfera, formas de existência do meio técnico-científico-informacional, condicionam comportamentos e entretecem racionalidades e emoções convergentes e conflitantes (SANTOS E SILVEIRA, 2002, p. 243).

Cabe ressaltar que há de fato uma forte interação entre a administração pública e as instituições religiosas. O prefeito Wladimir Garotinho demonstrou mais uma vez sua relação com denominações evangélicas ao firmar parceria com a Associação Evangélica de Campos (AEC) na qual é cedido para a associação o Parque Alberto Sampaio, praça pública localizada na área central do distrito sede, para a revitalização e uso destinados às atividades religiosas. Além do mais, o prefeito encaminhou projeto de Lei à Câmara Municipal em que estabelece a mudança do nome do local para Praça da Bíblia⁹.

Ainda são necessárias mais pesquisas em torno da temática proposta, mas a pesquisa que se encerra, na busca por compreender parte da atuação da Igreja Universal do Reino de Deus como agente modelador do espaço urbano, conclui que foi possível analisar que as práticas de reorganização do espaço comandadas por agentes modeladores atendem às suas necessidades e interesses, através da relação espaço e sociedade mediada pela técnica e precedida pela psicoesfera neoliberal. Além do mais, o funcionamento das igrejas em períodos de crise evidencia o poder de influência e organização do espaço urbano a partir das normatizações, estas carregadas de informação e que cristalizam as ações. Nesse sentido, há um modelamento do espaço urbano a partir das legislações.

⁹ Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=61726. Acesso em: 28 de agos. 2021.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o propósito de analisar a ação modeladora do espaço urbano, compreendendo a Igreja Universal do Reino de Deus enquanto agente modelador, a partir da sua atuação através das normatizações. Nesse sentido, considerando a complexidade da temática, são apontadas as seguintes considerações:

Foi possível analisar que as práticas de reorganização do espaço comandadas por agentes modeladores atendem às suas necessidades e interesses, através da relação espaço e sociedade mediada pela técnica e precedida pela psicosfera neoliberal. Diante disso, a IURD utiliza-se de estratégias locacionais próximo a centros urbanos – *locus* da acumulação de bens e serviços, e próximo às principais vias de circulação que facilitam o acesso e a visibilidade, além de apresentarem grande fluxo de pessoas e capital.

Há uma inegável relação da instalação da IURD nos bairros periféricos com maior presença da população de baixa renda, muitos deles em situação extrema de vulnerabilidade social que buscam soluções rápidas nos serviços religiosos da igreja, atraídos por um sistema de crenças organizado que se infiltra nos estratos mais pobres. É por meio da Teologia da Prosperidade que a igreja se assume enquanto uma religião de afirmação do mundo, evidenciando uma relação de pobreza e fé, e, nesse sentido, alinhado aos preceitos do neoliberalismo.

O funcionamento das igrejas em períodos de crise sanitário, como na Pandemia da Covid-19, evidencia o poder de influência e organização do espaço urbano a partir das normatizações, estas carregadas de informação e que cristalizam as ações. A partir da combinação das estruturas demográficas, sociais e de consumo junto aos sistemas técnicos, a IURD aponta o seu poder enquanto agente socioespacial, mantendo uma relação dissimétrica com outros agentes. O estabelecimento da Lei Municipal 9.032, que considera atividades religiosas essenciais no período da Pandemia, além do estabelecimento de convênios entre as Associações Evangélicas com instituições públicas, constatamos que há um modelamento do espaço urbano por meio de normas que afeta as materialidades e a vida na cidade

Por fim, concluímos que a mudança da confessionalidade brasileira concomitante à ascensão do neoliberalismo revela novas religiões alinhadas com a racionalidade neoliberal. O neopentecostalismo, em especial a Igreja Universal do Reino de Deus, mostra-se alinhado aos preceitos neoliberais desde sua teologia à sua organização administrativa empresarial, atuando através da psicosfera neoliberal e se aproveita-se das condições materiais de hiperpercarização, geradas pelo próprio neoliberalismo, para se difundir. Devido à complexidade do tema, faz-se

necessário que, numa perspectiva geográfica, mais pesquisas sejam realizadas. As análises, críticas e questionamentos levantados neste trabalho não se esgotam aqui.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. *A universalização do Reino de Deus*. Dissertação de Mestrado. Campinas, IFCH/Unicamp, 1996.

_____. Religião na metrópole paulista. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2004, vol.19, n.56, pp.15-27.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. Centro de Informação e Dados de Campos. Perfil dos Bairros. Campos dos Goytacazes, 2018.

CARVALHO, Pollyanna de Souza; ALMEIDA, Erica Terezinha Vieira de. *Lutas Sociais por direitos em Campos dos Goytacazes (RJ)*. *Anais do 8º Encontro Internacional de Política Social e 15º Encontro Nacional de Política Social*, 2020, Vitória.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A geografia cultural e o urbano. p.167-186. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) *Introdução a geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELLUL, Jacques. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968 [1ª. ed. Língua francesa 1952].

FARIA, Tereza Peixoto. *Configuração do Espaço Urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades, velhas estruturas*. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*, Universidade de São Paulo, 2005.

_____. Os projetos e obras do engenheiro Saturnino de Brito e mudança na paisagem urbana. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 19, p. 115-122, 2015.

_____. A dimensão espacial da espera no processo de remoção e erradicação de favelas: Territórios da espera em Campos dos Goytacazes. *Terceiro Milênio*, Revista crítica de Sociologia e Política, v. 5, n. 2, p. 57-84, 2015.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. *Tese de Doutorado - Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas*. São Paulo, 1993.

GEERTZ, C. A Religião Como Sistema Cultural', in: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 323.

GOUVEIA, G. L. N. A cidadania dos despossuídos: segregação e pentecostalismo. *Dissertação (Mestrado em Geografia Humana)*. São Paulo: USP, 1992.

GUADALUPE, José Luis Pérez. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis Pérez (Org.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 17-110.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

HUBERMAN, Leo. De Onde Vem o Dinheiro? In: _____. *História da Riqueza do Homem*. 14. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Cap. 14, p. 167-182.

IBGE. *Censo Demográfico*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 de out. 2020.

IDIS. *Brasil Givinig 2020*. Disponível em: <https://www.idis.org.br/>. Acesso em: 13 de mai. 2021

KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. *Sociedade & Natureza*. 2010, v. 22, n. 3, pp. 475-485.

KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: a modernidade perversa. *Revista do Departamento de Geografia*. 1997, v. 11, p. 217-220.

LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

LEI municipal que permite cultos durante pandemia e situações de catástrofe é aprovada em Campos. *Jornal Terceira Via*, Campos dos Goytacazes. 23 de fev. 2021. Política. Disponível em: <https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/02/23/lei-municipal-que-permite-cultos-durante-pandemia-e-situacoes-de-catastrofe-e-aprovada-em-campos/>. Acesso: 18 de mar. 2021.

MACHADO, Mônica Sampaio. A lógica da reprodução pentecostal e sua expressão espacial. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SCARLATO, Francisco Capuno; ARROYO, Mônica. (Org.). *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1993, p. 224-232.

MARIANO, Ricardo. Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. *Revista USP*, 1996, 3, pp. 120-131.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. Ed. São Paulo, Loyola, 2014.

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. O território sob o "Efeito Modernizador": a face perversa do desenvolvimento. *Interações* (Campo Grande), v. 8, p. 63-69, 2006.

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. A gestão neoliberal do território: normas e viabilidade territorial nas concessões do sistema rodoviário paulista. *Geografia*, v. 32, n. 1, p. 153-162, 2007.

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. Espaço e Território – organização, ordenamento e uso: notas teórico-epistemológicas. *Boletim Goiano de Geografia*. 2019, 39, 1–16

PIERUCCI, Antônio Flávio. De olho na modernidade religiosa. *Tempo social*, v. 20, n. 2, p. 9-16, 2008.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: ática, 1993[1980].

RAMOS, Tatiana Tramontani. “A geografia dos conflitos sociais da América Latina e Caribe”. Informe final del concurso: Movimientos sociales y nuevos conflictos en América Latina y el Caribe. *Programa Regional de Becas CLACSO*. 2003 Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/becas/2002/mov/tramon.pdf>. Acesso em: 29 agos. 2021.

RAMOS, Tatiana Tramontani. Pandemia é pandemia em qualquer lugar – vivendo a crise da Covid-19 de fora dos grandes centros. Espaço e Economia [Online], 18, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoconomia/11406>. Acesso em: 29 de agos. 2021.

REDE ALELUIA. *Site Oficial Rede Aleluia*, 2021. Disponível em: https://redealeluia.com.br/?_ga=2.58790701.1651217768.1630080010-197373413.1630080010. Acesso em: 20 jun. 2021.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. p.187-224. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) *Introdução a geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SCARLATO, Francisco Capuno; ARROYO, Mônica. (Org.). *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1993.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 1996

_____. *Espaço e Método*. 1. Ed. São Paulo: Nobel, 1988.

_____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, José Leandro Fernandes dos. *Templo é dinheiro: o uso do território pelas igrejas neopentecostais na cidade de Maceió, AL (1987-2018)*. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

SILVA, Silvana C. da. “Espaço e pobreza: A difusão do neoliberalismo nas periferias urbanas brasileiras”. *Relatório de Pesquisa de Estágio Pós-doutoral desenvolvido no Centre Maurice Halbwachs – École Normale Supérieure – Paris com financiamento da Coordenação de Coordenação de Aperfeiçoamento de nível Superior – Brasil (CAPES)/ Programa de Professor Visitante no Exterior Proc. nº 88881.171700/2018-01 (2018-2019)*, mimeo, 2019.

SILVA, Silvana Cristina da. Et al. Meio geográfico, cidade e psicosfera: da pandemia à sindemia global da Covid-19. In: WERNER, M.; TRAMONTANI, T.; RIBEIRO, D. (Org.) *Pesquisas socioespaciais e ambientais*. 1. ed. São Carlos, SP: Editora Cubo, 2021.

SOUSA, Horacio. *Cyclo Aureo: história do 1º centenário de Campos 1835-1935*. 20. ed. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2014.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

UNIVERSAL. *Site da Universal*, 2020. Portal Oficial da Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <https://www.universal.org/>. Acesso em: 20 de junho. 2021.

VALFRÉ, Vinícius. Dízimo alimenta lobby por abertura de templos na pandemia. *O Estado de S. Paulo*. 11 de abr. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dizimo-alimenta-lobby-por-abertura-de-templos-na-pandemia,70003677589>. Acesso em: 20 de abr. 2021.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

_____. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 1991.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.
- _____. Evangélicos à direita. *Espaço aberto*, n. 58, p. 419-436, 2020.
- _____. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos CEBRAP*, v. 38, p. 185-213, 2019.
- _____. Evangélicos à direita. *Horizontes Antropológicos*, v. 26, p. 419-436, 2020.
- BANDEIRA, Olívia; CARRANZA, Brenda. Só o Brasil Cristão Salva da Covid-19. *Boletim*, n. 33, 2020.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- _____. O marketing e as estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 15, p. 21-38, 1999.
- _____. Cultura, liderança e recrutamento em organizações religiosas: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Organizações em contexto*, v. 2, n. 3, p. 102-138, 2006.
- _____. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e. *Revista de Estudos da religião*, p. 9-47, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre o poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, B. F. A identidade protestante e a hegemonia pentecostal no cenário religioso brasileiro. *Tempo e Presença digital*, n. 6, p. 1-6, 2007.
- CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis Pérez (Org.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.
- CARRANZA, Brenda. Pentecostalização e transformações urbanas. *Caminhos de diálogo*, v. 03, p. 11-31, 2015.
- CARRANZA, B., Carvalho, I. C. de M., & Bandeira, O. (2020). Reacciones religiosas al Covid-19 en América Latina. *Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais E Religião*, 22(00).
- CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; CORREA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar (org.). *Geografia: conceitos e temas*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-48.

- _____. A Paisagem Urbana Brasileira? Tipos Ideais. *GEOUSP* (USP), v. 19, p. 78, 2015.
- _____. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. v. 1. 353p.
- _____. Espaço e simbolismo. p.133-153. In: CASTRO, I.E; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L. (Orgs.) *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CORREA, R. L. A.; VASCONCELOS, P. (Org.); PINTAUDI, S. (Org.). *A Cidade Contemporânea - Segregação Espacial*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. v. 1. 207p.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. p.219-237. In: CORRÊA, R.L; ROSENDHAL, Z. (Orgs.) *Geografia Cultural: uma antologia*. vol.1. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução do século XXI*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1959.
- FARIA, Tereza Peixoto. As reformas urbanas de Campos e suas contradições. O plano de 1944: uma nova ordem social e urbana. CD-ROM dos *Anais do 6º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Natal – RN, 2000.
- _____. Os vazios urbanos versus a função social da propriedade: o papel do plano diretor da cidade de Campos dos Goytacazes. *Boletim De Geografia*, v. 32, n. 3, p. 151-169, 2014.
- FRENTE PARMALENTAR. *Portal da Câmara dos Deputados*, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em: 18 de jan. 2021.
- GEERTZ, C. A Religião Como Sistema Cultural', in: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 323.
- GEORGE, Pierre, *La ville. Le fait urbain a travers le monde*, Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- GUTIERREZ, Carlos. A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus. 2017. 1 recurso online (387 p.). *Tese (doutorado)* - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008.
- JACOB, Cesar Romero [et al]. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Sao Paulo: Loyola, 2003.
- LAHUERTA, Milton. Problemas da condição periférica. Perspectivas: *Revista de Ciências Sociais*, v. 32, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo de 2010. *Debates do NER*, v.14, n. 24, p. 119-137, 2013.

- MARICATO, Ermínia. Globalização e Política Urbana na Periferia do Capitalismo. In: _____. *Para Entender a Crise Urbana*. 1. Ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015. p. 67-99.
- MASSEY, Doreen B. Espacializando a história da modernidade. In: _____. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. Cap. 6, p. 99-117.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSEY, Doreen. Globalização: o que significa para a geografia? *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 7, nº 1, 2017. P. 227-235.
- MOREIRA, Ruy. “Cidade e campo no Brasil contemporâneo”. In: *Simpósio Internacional Interfaces das Representações Urbanas em tempos de Globalização*. SESC-Bauru promovido pela AGB-Bauru e UNESP/Bauru em 25 de agosto de 2005.
- PASSOS, Paulo. Neopentecostalismo na mentalidade do povo brasileiro: um deslocamento da fé para o mercado. *Horizonte*, v. 7, n.15, p. 167-177, 2010.
- PEREIRA, Evelyn Andrea Arruda. A nova psicofera empresarial na globalização: questões sobre as ações sociais empresariais no território brasileiro. *GeoUSP: espaço e tempo*, v. 17, n. 2, 2013.
- PROENÇA, Wander de Lara. Fontes para o estudo do Neopentecostalismo brasileiro: O caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Patrimônio e Memória*, v. 1, n. 1, p. 94-113.
- ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 119-153.
- _____. História, Teoria e Método em Geografia da Religião. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, N. 31, p. 24-39, jan./ jun de 2012.
- _____. Tempo e Temporalidade, Espaço e Espacialidade: A Temporalização do Espaço Sagrado. In: *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro: UERJ, p. 9-25, 2014.
- _____. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*, p. 12928-12942, 2005.
- SAMPAIO, Débora Vanessa Régis Ferreira; VANDERLINDE, Tarcísio. A temática da Religião no contexto da Geografia Cultural. *Geografia em Questão*. V.13, n.1, 9-24, 2020.
- SANTOS, Alberto Pereira dos. Introdução à geografia das religiões. São Paulo: *Revista GEOUSP*, 2002, v.11, p.21-33.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. Tendências da urbanização brasileira no fim do século XX. In: _____. *A Urbanização Brasileira*. 5. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. Cap. 13, p. 129-140.
- _____. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 21, n. 1, 1996.
- _____. *O Espaço do cidadão*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- _____. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

_____. Sociedade e Espaço. A formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*. n. 54, 1977, pp. 81-100.

_____. “Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois subsistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais”. In: *Boletim Paulista de Geografia*, 53: fevereiro de 1977. p. 35-60.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Silvana Cristina. Urbanização, circuitos espaciais de produção e economia urbana. In: SANTOS, Erika Vanessa Moreira et al (org.). *Território, Economia Urbana e Conflitos Territoriais*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. p. 86-105.

SILVA, V. G. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007.

SILVEIRA, Maria Laura. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, Jan./Abr. 2009.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Espaço, Religião e Geografia. *Geografia em Questão*. V.13, n.1, 55-66, 2020.

TRINIDADE, O. Entre a lei e o bom senso: religiosos e cientistas questionam igrejas abertas na pandemia. *Jornal Terceira Via*, 28 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/03/28/entre-a-lei-e-o-bom-senso-religiosos-e-cientistas-questionam-igrejas-abertas-na-pandemia/>>. Acesso em: 18 de abril. 2021.

UNIVERSAL. Site da Universal, 2020. *Portal Oficial da Igreja Universal do Reino de Deus*. Disponível em: <https://www.universal.org/>. Acesso em: 15 de out. 2020.

WEBER, Max. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo, in_____. *Ensaios de sociologia*, Rio de Janeiro, Guanabara, pp. 347-370, 1982.